

# EXPLOSÕES ATÔMICAS IANQUES ENVENENAM OS CÉUS DO BRASIL

**Aumento de 400% no grau de radioatividade da atmosfera — Centenas de milhares de crianças poderão nascer mortas ou defeituosas — Câncer nos ossos e no sangue — Cesar Lattes propõe: conferência nacional de cientistas para esclarecer a opinião pública — Ação enérgica para que o governo brasileiro faça uma interpelação a Washington**

Apesar dos visíveis esforços da Embaixada norte-americana e seus "associados" no governo brasileiro, para que se faça silêncio sobre o caso, a opinião pública e os meios científicos brasileiros têm manifestado, através da imprensa quotidiana do Rio e de São Paulo, crescente inquietação com os prováveis efeitos das explosões atômicas realizadas pelos Estados Unidos, dentro do chamado "projeto Argus".

Pouco se sabe sobre o que realmente aconteceu. Dos comunicados oficiais omissos e contraditórios, e do noti-

eloquência, mas tentando minimizar o perigo das radiações atômicas, o qual, segundo afirma, e menor que o das radiações emitidas pelos pontos luminosos de seu relógio de pulso... E há casos de aberto entusiasmo, como o do atual Presidente da Comissão Nacional de Energia Nuclear, Almirante Octacilio Cimba. Este livreto oficial, que não achou estranho que o "Programa" de sua Comissão fosse publicado pelo USIS — pelo contrário, gosta de ser visto com ele debaixo do braço, e de distribuí-lo para os amigos — encerra suas declarações no "Diário de Notícias", nas quais negou qualquer importância ao "projeto Argus", e as experiências atômicas em geral, com as seguintes palavras: "Depois que as partículas radioativas (resultantes das explosões atômicas) descerem a níveis onde possam integrar-se na nossa atmosfera, as correntes aéreas iniciam um processo de diluição ao qual resistem apenas o Estrôncio 90 e outros elementos radioativos de vida média mais longa".

O Almirante não pode ignorar que justamente se não "apenas" este Estrôncio 90 e estes "outros elementos radioativos" são os que, segundo os cálculos não fundamentados do Prof. norte-americano Luis Pauline, e o registro de radioatividade em todo o mundo, pelo nascimento, cada ano, de cento e setenta mil crianças sem vida, e de cinquenta e cinco mil com graves defeitos físicos e mentais, além de quatrocentas e vinte e cinco mil crianças mortas antes e pouco depois de nascer. Isso sem contar as centenas de milhares, no caso de câncer no sangue e nos ossos, que também já e tão ocorrendo em todo o mundo, em adultos e crianças, como consequência do entupimento da atmosfera pelas experiências atômicas já realizadas.

E esta "insensibilidade dirigida" de alguns cientistas brasileiros, e a omissão de outros, que levou o deputado Josué de Castro a incluir entre as perguntas que dirigiu a C.N.E.N. a seguinte: "As pesquisas realizadas pelos institutos e pelos cientistas brasileiros recebem ajuda técnica ou financeira de órgãos de governos estrangeiros interessados nos resultados das experiências atômicas, particularmente de países realizadores de testes nucleares?"

### QUEM ESTÁ FAZENDO POLÍTICA?

Fezimento, para o Brasil, há estretamento quebra-bras brasileiros que não entraram para a "arma do dólar". A opinião pública pode por isso ser esclarecida e alertada para a grande ameaça que paira sobre o nosso País. Em vigorosas declarações à imprensa, diversos cientistas brasileiros eminentes, em particular os professores Leite Lopes, Hatti Mussatche, Jacques Danon, Luis Laboriau, Guido Beck, Nelson Labiano, Bernard Gross, Cesar Lattes, e muitos outros, explicaram à opinião pública que algo de muito grave estava sendo ocultado a ela pelo governo norte-americano, com a cumplicidade, ou omissão, do governo brasileiro; e que a própria opinião pública devia mobilizar-se para exigir do governo brasileiro que interpelasse o governo de Washington, exigindo deste todos os esclarecimentos necessários sobre o "projeto Argus".

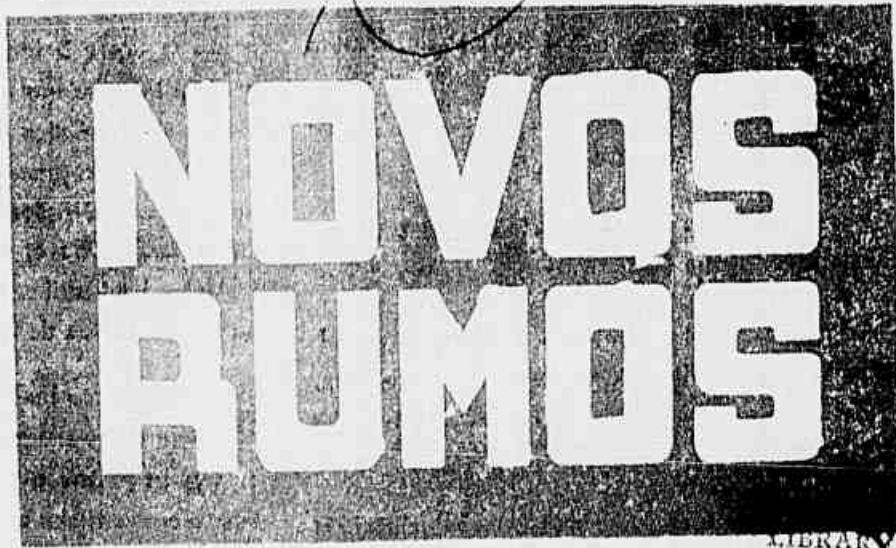
Vários pontos precisam ser urgentemente esclarecidos, para a opinião pública:

1. Foram feitas medições do grau de radioatividade na atmosfera em nosso País, depois de ter sido constatado o aumento da extremadamente impudicamente de 400%, e depois de terem explodido as três bombas da série "Argus"? Qual a potência e as características reais das bombas?
2. Quando e onde, exatamente foram realizadas estas experiências? Este ponto, aliás, seria para que os cientistas brasileiros não ficassem ao impedimento de demonstrarem que esta, na realidade, facção política com o problema atômico. Eles não afirmam, "a priori", que o entupimento da atmosfera em nosso País está se tornando extremamente perigoso em consequência das explosões ianques. Apenas têm fortes razões para suspeitar disso, e podem esclarecer-nos, não só pela cessação das experiências nucleares em geral, sejam elas soviéticas ou americanas. Enquanto isso, os Heróicos de Carvalho e Octacilio Cimba, afirmam que a responsabilidade cabe às bombas dos comunistas soviéticos, no Polo Norte, como se houvesse algum método para identificar a origem de uma partícula radioativa, e como se isso pudesse indicar alguma coisa no problema.
3. Que direito tem os Estados Unidos de decidir, sem consultar ninguém, onde e quando explodir suas "bombas atômicas", sem pelo menos uma comunicação prévia aos governos interessados?

O Consultor Jurídico do Ministério da Justiça, Sr. Amor Butler, falando a um espetáculo, embora se pronunciasse favoravelmente a uma interpelação do governo ianque, disse que não se pode cogitar do direito dos pequenos, em questões internacionais e também uma frase de Tucídides:

"Sabeis, tanto quanto nos que do modo como o mundo e mundo se pode cogitar de direitos quando existe a igualdade de poder; os fortes fazem o que podem, e os fracos fazem o que devem".

Não será difícil, no entanto, que o Sr. Butler esteja subestimando a capacidade de reação da opinião pública brasileira, e, em particular, dos cientistas patrióticos. O Sr. Cesar Lattes propôs nos seus colégios a realização de uma conferência nacional de cientistas, para discutir a "questão Argus", e não indica que sua proposta seja levada a efeito. Veremos, então, se os traços, realmente, cabe apenas "fazer o que devem".



REDAÇÃO: AVENIDA RIO BRANCO, N.º 257 — SALAS 1711/1712

## TOTAL A GREVE DA PAULISTA

# As Mulheres Param Os Trens-Fantasma

**Violências policiais nada resolvem — Solidariedade do Pacto de Unidade Intersindical — Entendimentos**

SAO PAULO 15 (NOVOS RUMOS) — Esta sendo esperada para as próximas horas o estabelecimento de um acordo que deverá pôr fim a greve desencadeada a zero hora do dia 14 pelos 16 mil ferroviários da Cia. Paulista de Estradas de Ferro, reclamando equiparação dos salários aos dos ferroviários das Estradas do Estado; o pagamento do salário-mínimo de Cr\$ 5.800,00 ao longo de toda a Estrada; e a incidência de contribuições para a CAP sobre a adicional por tempo de serviço.

### VIOLÊNCIAS POLICIAIS

Lago após o desencadeamento da greve, contingentes fortemente armados da Força Pública e da polícia política deram início a uma série de violências que culminaram com a agressão sofrida pelo deputado federal Harry Normantem, presidente do Sindicato das Empresas Ferroviárias da Zona Paulista.

Na cidade de Araraquara, um operário teve a vista atingida por fragmento de um cilindro de gás lacrimogêneo lançado pelos policiais contra os trabalhadores em greve. Vários grevistas foram presos, principalmente nas cidades de Jundiaí e Campinas.

### GREVE TOTAL

Apesar das violências policiais, a greve é total. Os trens utilizados no tráfego

normal, apenas dois conseguiram romper o bloqueio dos grevistas. Na cidade de Jaú, um grupo de mulheres conduzindo bandeiras vermelhas de sinalização se colocou no leito da estrada, impedindo a passagem de um dos chamados "trens-fantasma".

### SOLIDARIEDADE

O Pacto de Unidade Intersindical, que congrega a maioria dos trabalhadores paulistas, mantém-se em sessão permanente, com uma comissão de cinco dirigentes sindicais encarregada de coordenar todas as atividades de solidariedade aos grevistas.

### ENTENDIMENTOS

Visando a realizar os entendimentos com as autoridades e a administração da Cia. Paulista, os ferroviários elegeram uma comissão composta de sete deputados estaduais e mais os representantes do Sindicato e da Confederação dos ferroviários. Acreditam os grevistas que o movimento deverá estar viável dentro das próximas horas, uma vez que os prejuízos estão sendo calculados em cerca de sete milhões de cruzeiros diários.

## REFORMA AGRÁRIA

Há dez anos atrás, a reforma agrária era considerada nos meios políticos uma palavra-de-ordem subversiva. Agora uns poucos representantes rotados de outras correntes, somente os comunistas ouseram incluí-la no seu programa e preconizá-la abertamente. Hoje, são da lista das expressões usadas pela polícia política e passou a ser o "pont" das discussões no Congresso e no Senado, no parlamento e no governo. Um partido governamental, o PTB, sustentava em ponto de ordem a "reforma de base" que propõe o debate estrutural os círculos políticos, propõe os técnicos e os leigos para a estrutura universitária e popular.

A que se deve esta mudança de atitude em relação à reforma agrária? Uma razão parece evidente: as modificações na estrutura econômico-social do campo passam a serem-doadas por força do próprio processo de desenvolvimento econômico do Brasil. A industrialização no país, que adquiriu um ritmo relativamente acelerado, impõe a necessidade de um crescimento mais rápido da produção agropecuária de forma a poder assegurar a suprimento das concentrações urbanas em alimentos e matérias-primas. Uma reforma na estrutura agrária propiciaria uma expansão das terras produtivas no campo, desde que fossem entregues a famílias camponesas e postos em cultivo milhares de hectares, hoje abandonados pelos grandes proprietários. Simultaneamente, a extensão da pequena propriedade no campo significaria a ampliação do mercado interno em proporções que representariam um salto no processo de industrialização.

A reforma agrária constitui, portanto, como sempre aconteceu os comunistas, parte integrante de uma política de desenvolvimento independente e progressista da economia nacional. Ao contrário do que alega a propaganda trancunária, essa reforma não implica em nenhuma medida socialista ou socializante. É um passo para fortalecer e acelerar o processo de desenvolvimento econômico no país que se fundamenta em bases capitalistas.

Somente um punhado de elementos retrógrados, ligados às formas mais atrasadas da exploração agrícola, pode opor-se a ideia da reforma agrária. Nem mesmo, todavia, os grandes proprietários de terras têm motivos para não se posarem sendo geralmente acaite a tese de que os desapropriações devem atingir apenas as terras que não são exploradas economicamente.

Não se deve, contudo, subestimar a influência da minoria de latifundiários retrógrados nos circuitos políticos e administrativos. Até hoje eles têm conseguido impedir a adoção de qualquer medida que signifique a mais leve restrição aos seus privilégios caducos. Numerosos projetos de modificações no sistema agrário estão paralisados no parlamento. O projeto de legislação trabalhista para o campo, apresentado pelo deputado Ferrari, foi rejeitado.

A resistência dos elementos retrógrados ao passo ser tomado se os projetos de reforma agrária a serem apresentados na atual legislatura, contém um e apenas de todos os aspectos da opinião pública.

## O CONGRESSO DOS COMUNISTAS DA POLÔNIA



Realizou-se há pouco em Varsóvia o III Congresso do Partido Operário Unificado da Polônia. A ele estiveram presentes delegados de numerosos partidos comunistas e operários de muitos países. Na foto (Agência Central Polonesa) vemos o delegado indiano Ahmad saudando o Congresso dos comunistas poloneses.



diário de imprensa ainda mais confuso, depreende-se, com certeza, apenas alguns dados. Os Estados Unidos, fizeram explodir três bombas atômicas, a uma altitude próxima de 500 quilômetros sobre o Atlântico Sul, numa região mais ou menos próxima do Nordeste brasileiro, e da base de Fernando de Noronha. O objetivo das explosões seria provar a possibilidade de criar-se uma "zona de interferência" capaz de bloquear a rede de radar do "inimigo", este estaria assim impossibilitado, durante um certo prazo, seja de detectar um foguete dirigido para o seu território, seja de contra-atacar com foguetes teleguidados.

Parceira fora de dúvida que a experiência significará séria ameaça para a saúde da Humanidade. A revista "Time", falando de um jornalista que tivera conhecimento do projeto, ainda na fase dos preparativos, explicou que ele hesitara em revelá-lo, porque sabia que as explosões seriam "um acontecimento que poderia ter sérias implicações internacionais" para os Estados Unidos. "Alguns cientistas disseram a Baldwin o jornalista em questão" que se ele imprimisse a história, o furor (da opinião pública mundial) poderia muito bem forçar os Estados Unidos a não realizar as provas", disse o "Time".

Viu-se, depois, que diversos senadores norte-americanos investiram contra a Comissão de Energia Atômica e o governo de seu País, acusando-os de estarem ocultando ao mundo fatos da maior gravidade, para a saúde dos homens, quando se negavam a revelar as verdadeiras características do "projeto Argus". Chegou a ser revelado, na própria imprensa norte-americana, que estas explosões "dobraram o perigo de entupimento radioativo da atmosfera".

Outro fato que contribuiu para que o "projeto Argus" fosse considerado, pelo governo norte-americano, como "o maior segredo militar dos Estados Unidos desde a II Guerra", e que, enquanto o projetavam, o governo de Washington prometia ao mundo, solenemente, que ia suspender suas experiências atômicas. E ainda o "Time" que diz: "O Presidente Eisenhower não queria que o mundo soubesse, quando ele anunciou a suspensão das experiências durante um ano, que os Estados Unidos estavam preparando protas secretas no Atlântico Sul".

### 400% DE AUMENTO DA RADIOATIVIDADE

Para o Brasil, a questão assumiu aspecto particularmente grave quando o cientista Pe. Xavier Roser, nos Estados Unidos, revelou que medições feitas em agosto do ano passado indicaram, em nosso País, um aumento de 400% no grau de radioatividade da atmosfera, proveniente de explosões atômicas.

Imediatamente, o "USIS" lançou-se numa campanha de "tranquilização" da opinião pública, com o apoio ostensivo de alguns cientistas brasileiros notoriamente ligados a agências imperialistas em nosso País. O mesmo Pe. Roser, que está nos Estados Unidos com bolsa da "Fundação Rockefeller", não hesitou em cair no ridículo, afirmando que o aumento da radioatividade no Brasil se devia às explosões realizadas pela URSS, e não às norte-americanas, como se existissem "partículas radioativas comunistas", e suas opostas "capitalistas". Outro que entrou pelo mesmo caninho e o sr. Hervasio de Carvalho, que se celebrou em nosso País quando foi revelado, na Comissão Parlamentar de Inquérito sobre minérios atômicos, ter sido ele, juntamente com três funcionários da Embaixada norte-americana no Rio, o portador do último tanque — ao general Juarez Tavora — os famosos "documentos secretos" — exigindo do governo brasileiro a demissão do Almirante Alvaro Alberto, do Conselho Nacional de Pesquisas, e a entrega de nossas reservas de Urânio e Tório, aos Estados Unidos.

Ha contudo alguns casos de mais gritante destacadetez. O jovem cientista Luis Marquez, por exemplo, ate pouco, meses atrás era um dos mais ativos denunciadores dos perigos que acarretam para a Humanidade o prosseguimento das experiências atômicas; mais exatamente, até o dia em que passou a beneficiário do "dólar do trigo", aceitando subvencões da Embaixada ianque. Hoje, é freqüente os jornais com a mesma





BENTO GONÇALVES — Bravo combatente pela democracia e a liberdade em Portugal. Um dos fundadores e depois secretário-geral do PC português. Morreu num campo de concentração salazarista.

# SALAZAR TEM MEDO

diversas. As famigeradas prisões da PIDE encheram-se novamente nos últimos tempos.

apuracão honesta, seria o general Humberto Delgado

### RECUSAM-SE AS PERSEGUIÇÕES

A combatividade do povo português durante a campanha eleitoral alarmou o salazarismo. O ditador odiado aumentou imediatamente o soldo das forças armadas, promoveu grande número de oficiais. Ao mesmo tempo, intensificou o terror policial, com o reforçamento do aparelho de repressão. Novas delegacias de polícia foram criadas em Beja, Évora e outras cidades. Multiplicaram-se as patrulhas motorizadas, acompanhadas de cães policiais amestrados na caça a homens. Formaram-se novas unidades de polícia secreta e colocados à sua disposição jipes armados para a realização de cruzeiros (buscas) domiciliares. Foi aprovado o Decreto 41.872, aumentando as verbas para a polícia secreta. Todas as reuniões, até mesmo na televisão, foram terminantemente proibidas. A polícia rodoviária recebeu ordens para revistar os viajantes.



PROFESSOR RUI LUÍS GOMES — foi candidato certa vez à Presidência da República contra o candidato de Salazar. Durante a campanha eleitoral foi vítima de brutal agressão por parte da polícia salazarista

### O CASO DELGADO

O chamado «caso Delgado», surgido com o pedido de asilo do ex-candidato à Presidência da República (depois de lhe ter sido recusada a vista para sair do país e estar sendo seguido pela polícia) não é um caso isolado. É um ponto mais alto da crise total em que mergulha o salazarismo.

Depois de Delgado, o capitão Galvão solicitou asilo à Embaixada da Argentina em Lisboa. Salazar mandou cercar a embaixada argentina por policiais armados.

Em pleno desespero, Salazar manda efetuar novas prisões, tanto de comunistas como não comunistas. Entre os mais recentes vítimas do terror fascista português encontram-se Jaime Serra e José Adelino dos Santos. Entre prisioneiros submetidos a torturas bárbaras estão os nomes de Adélia Terrada (em estado de gravidez e espancada no ventre), Manuel Ega (agora hospitalizado), Joana Mendonça, Joaquim Machado, Fernando Martins, Marcos Antunes, Luis Ferreira dos Santos, Manuel Silva, Manuel Guedes, Celestino Ferreira, António Faria, Oliveira Valença (preso por ter impresso convites para as conferências que o líder trabalhista e ex-ministro inglês Bevan deveria pronunciar em Lisboa e que foram proibidas por Salazar), António Caprinha, Américo Pereira, Mário Gonçalves, Mário Dias, Manuel Sanchez, José dos Santos Fernandes, Joaquim Sabuga, Aida Paula e sua mãe, Maria Costa Dias, Maria Piedade Gomes, Alice Leal, Joaquim Gomes, De Agostino Soares e sua mulher, Agostinho Sabuga, Cesaltina Leal, Tomas Figueiredo, e Dr. Mário Vilca.

São apenas alguns dos detidos nas prisões de Caxias e Aljube.

Entre os encarcerados se encontram operários, intelectuais, economistas, juristas, militares e até clérigos católicos.

O valoroso dirigente operário português Alvaro Cunha, condenado à prisão por longos anos, já cumpriu pena e ainda se conserva preso, não obstante os insistentes reclamos em todo o mundo e em Portugal pela sua libertação.

São os últimos estertores do salazarismo.

4 — As violências comandadas por Salazar e seus cortesãos não intimidam os adversários. Mais de 100 destacados intelectuais portugueses acabam de publicar um documento protestando enérgicamente contra as ondas de prisões e terror.

5 — O «caso Delgado» tornou-se um assunto de âmbito internacional desde que o ex-candidato à Presidência da República asilou-se na Embaixada brasileira em Lisboa. Pela primeira vez em muitos anos ficaram estremecidas as relações entre o governo brasileiro e o de Santa Comba-Dão e, segundo um jornal londrino (New Statesman) o Brasil ameaçou retirar seu apoio a Portugal na ONU (questão de Goa e outras).

6 — Outro fato bastante sintomático da debilidade extrema a que chegou o salazarismo: a própria imprensa inglesa passou a criticá-lo, denunciando inclusive os mais recentes crimes do regime de Lisboa, citando os nomes de dezenas de patriotas e democratas submetidos a prisões e torturas selvagens.

Vejamos alguns destes pontos com maiores detalhes.

## A GRANDE EVIDENCIA

As eleições presidenciais de 8 de junho de 1958 foram a primeira grande evidência de que o regime fascista de Salazar estava em plena decomposição.

Durante muitos anos o governo português procurou por todos os meios ocultar este fato. Remanescente dos regimes fascistas que se formaram depois da Primeira Guerra Mundial, o salazarismo conseguiu, com o apoio aberto dos imperialistas americanos e ingleses, prolongar sua existência. Mas, com a marcha dos acontecimentos no plano mundial, com a libertação de centenas de milhões de pessoas que viviam submetidas ao regime colonial e à opressão mais brutal, com o avanço de uma série de países no caminho do socialismo, o salazarismo foi se isolando cada vez mais no mundo. Suas bases começaram a abalar-se. Os povos das colônias reclamaram liberdade. Internamente, o povo português exigia um regime democrático e livre, melhores condições de existência.

Imediatamente os imperialistas dos Estados Unidos foram em auxílio do salazarismo. Dulles fez peremptórias declarações de que os Estados Unidos ajudariam Salazar a manter os povos das colônias sob opressão. O caso concreto de Goa fez-se doutrina internacional. Os magnatas de Wall Street se dispunham a pôr escoras no mundo colonial português onde ele ameaçasse ruir.

### LUTAM OS PORTUGUESES

Há mais de 32 anos Salazar impera, com sua ramalheta, sobre o povo português. Os trabalhadores, neste longo período, foram a sua principal vítima. Dezenas de bravos operários que ousaram combater pela democracia e as liberdades foram levados para campos de concentração nas ilhas de Açores e Cabo Verde. Muitos morreram submetidos a condições inumanas ou não suportaram as torturas da polícia política. Entre estes o proletário português recorda com orgulho os nomes de Bento Gonçalves, Militão e outros.

Estes eram conhecidos dirigentes comunistas. E de comunistas passou o regime salazarista a taxar todos os que se lhe opunham.

Hoje, a manobra não serve mais. A luta tornou-se tão ampla, abrangeu homens e mulheres de tão diferentes classes e camadas sociais que o salazarismo já não engana mais a ninguém.

A campanha eleitoral do ano passado foi o terreno comum que uniu todos os anti-salazaristas. Foi a grande jornada de democracia a enfrentar e a abater-se contra a bastilha de Salazar. Durante 28 dias de campanha eleitoral em favor do candidato das forças democráticas — o general Humberto Delgado — as sessões públicas e os comícios deram uma nova fisionomia a Portugal. O povo, há muitos e muitos anos, não assistia a tais demonstrações democráticas — contra a vontade das autoridades salazaristas. Somente nas manifestações da Pôrto e Lisboa participaram mais de 600 mil pessoas. Em todo o Minho e particularmente em Braga, Guimarães, Santo Tirso, Trofa e Viana, cerca de 150 mil pessoas manifestaram publicamente seu protesto pelo fato de o general Delgado ter sido proibido de visitar aquelas regiões.

Entretanto, apesar de franquidades oficiais às liberdades eleitorais mínimas, algumas manifestações eram brutalmente reprimidas pela polícia. Em Lisboa, em plena campanha, ainda se verificaram várias mortes e grande número de feridos.

Isto porém não impedia a massa de prosseguir nas suas sessões e comícios, sobretudo na cidade da Pôrto, com seu combativo proletariado e os estudantes nas ruas.

Salazar, sem o confessar, deveria estar arrendido. Ele próprio afirmaria que as eleições descreditarium a Nação. Na realidade, era o regime salazarista que estava desacreditado, sem qualquer prestígio perante o povo.

As eleições, que não passaram de uma farsa, foram naturalmente vencidas pelo candidato oficial, Américo Tomás. Portugal inteiro porém estava certo, na dia seguinte ao 8 de junho, que sua vontade fora fraudada, que o verdadeiro vencedor, por grande maioria, num

Será exagero afirmar-se que os dias de Salazar estão contados?

Vejamos esta sucessão de fatos posteriores às eleições fraudulentas de 8 de junho de 1958:

1 — Agravaram-se as condições econômicas e financeiras de Portugal e Colônias.

2 — A Igreja Católica (inclusive o Cardeal Cerejeira) iniciou uma rutura violenta com o regime salazarista, depois de ter sido durante mais de três décadas um dos seus principais sustentáculos.

3 — Foi reforçado o aparelho de repressão policial em Portugal, e as prisões, processos judiciais e crimes contra patriotas (que antes atingiam apenas aos comunistas) recaíram sobre democratas de tendências as mais

# CRÔNICA INTERNACIONAL

## O CAMINHO DA PERDIÇÃO

Um despacho da United Press International (UPI) sugere que a Rússia estaria disposta a precipitar uma crise em suas relações com o governo argentino. Isto a propósito da expulsão de vários funcionários da Embaixada soviética de Buenos Aires como «pessoa non grata». Mas se as relações entre os dois países podem chegar a uma crise, não foi ela precipitada nem criada por iniciativa do governo soviético. Toda evidência que se trata de uma crise artificial, inspirada do exterior ao governo de Frondizi.

O pretexto invocado por Frondizi — como pelo governo mexicano — foi a mais grosseira e primário possível: que funcionários soviéticos altamente categorizados, teriam participado de manifestações populares (que abrangiam dezenas de milhares de pessoas) nas ruas de Buenos Aires contra a política de austeridade implantada por Frondizi. Política, diga-se de passagem, que significa nova alta de preços, congelamento de salários dos trabalhadores, aumento dos impostos.

Frondizi preferiria que os operários e o povo argentino cruzassem os braços ante esta política anti-popular, aplicada justamente depois de sua recente viagem aos Estados Unidos e depois de sua vergonhosa capitulação nos trusts petrolíferos norte-americanos; depois de suas medidas reacionárias, antidemocráticas, fechando jornais e mandando prender centenas de militantes sindicais de diferentes tendências políticas quando estes se colocaram à frente dos operários para protestar contra as concessões imorais de Frondizi aos banqueiros de Wall Street.

A verdade é que Frondizi procura um bode expiatório, para desviar a atenção da opinião pública argentina da fracassa de sua política, que em poucos meses desmascara na prática a demagogia de alto bordo do candidato que se fantasia de teórico do antiimperialismo. E procura atribuir ao comunismo internacional uma réplia que é dos trabalhadores e do povo — uma réplia digna de qualquer povo que preza suas conquistas democráticas e não quer submeter-se aos monopólios internacionais. Frondizi quer fugir à responsabilidade pela situação dramática em que está mergulhando a Argentina — responsabilidade que lhe cabe por ter traído as promessas com que se fez credor dos votos decisivos para sua eleição: os votos dos trabalhadores.

Frondizi não é nenhum inocente em tudo isto. Esperava ele certa vez: «O capital estrangeiro mantém um estado de consciência especial, que predispõe à entrega ou à submissão. Esse estado de consciência invade todos os rincões do país, todos os setores sociais que atuam economicamente ou politicamente e se reflete em todos os aspectos da vida nacional como se fora uma fatalidade histórica, sendo a qual não cabe outra alternativa senão a preservação».

Não é, porém, o caso do povo argentino. O povo argentino não quer arrendar-se ante o imperialismo. Quer viver independente e soberano. Se Frondizi capitula e segue outro caminho — este é o caminho de sua própria perdição.

**NOVOS RUMOS**

Dirigido — Mário Azevêdo

Redator-chefe — Orlando Bonfim Jr.

Secretário — Fragner Carlos Borges

EDITORES

Amal Matos, Rui Faço, Paulo Mota Lima, Maria da Graça, Luis Gallardino.

MATRIZ

Redação: Av. Rio Branco, 257, 17. andar, S. 1512 — Telefone: 42-7314

Gerência: Av. Rio Branco, 257, 9. andar, S. 295

Embarço telegráfico — NOVOS RUMOS

ASSINATURAS

Annual — Cr\$ 250,00

Semestral — Cr\$ 120,00

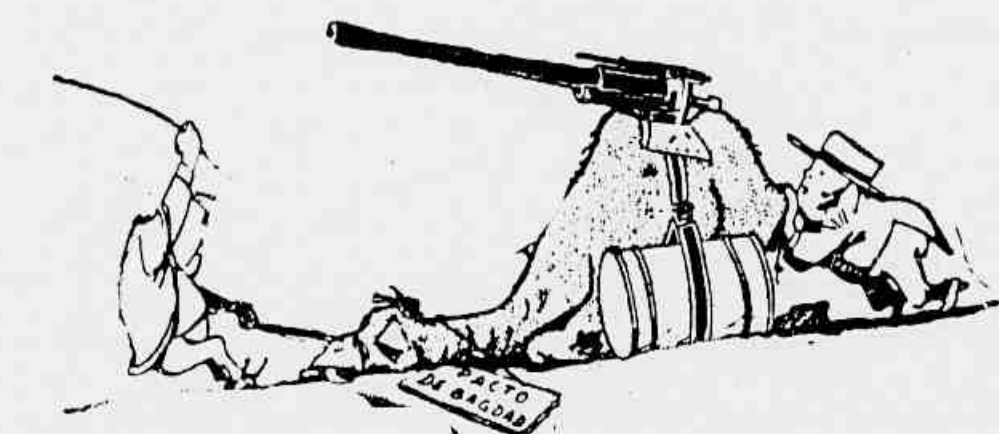
Trimestral — Cr\$ 70,00

Accept en son registre, despese a parte

Conta aberta — Cr\$ 5,00

Número atrasado — Cr\$ 2,00

## O FINADO PACTO DE BAGDÁ



Para que arrear o camelo morto? [Provérbio árabe] [Charge do jornal «Scinteio», de Bucareste]. Autor: E. Taru.

### UNIDADE DAS FORÇAS DEMOCRÁTICAS

Sim, porque são cada vez mais amplas as forças que se opõem a Salazar e seu governo. A campanha eleitoral do ano passado foi também um encontro de águas — transformou-se no grande canal em que atuaram lado a lado comunistas, republicanos, democratas, antifascistas por um objetivo único: a derrubada da nefanda regime de Salazar.

Formaram eles o Movimento Nacional Independente — a Oposição — a quem os próprios fascistas foram obrigados a reconhecer como representantes de pelo menos 21% do eleitorado. Depois das eleições, o MNI tem-se alargado e fortalecido consideravelmente.

Ao mesmo tempo, surgiu a Junta Nacional de Libertação, apresentando aos trabalhadores e ao povo uma plataforma política consub-

tancada nos seguintes pontos:

- Restabelecimento das liberdades democráticas
- Anistia política
- Elevação do nível de vida das massas trabalhadoras e do povo
- Defesa da economia nacional e luta contra os monopólios
- Relações econômicas, culturais e políticas com todos os povos.
- Política externa independente de paz e colaboração com todos os povos.

Tudo isto se resume neste anseio unânime: substituição de Salazar por um governo democrático, que torne realidade as exigências e as esperanças do sofrido povo português, com os explorados e oprimidos povos das colônias portuguesas na Ásia e África.

## POLÍCIA ESPANCOU O "PEÃO" ATÉ A MORTE!

De Centenário do Sul, escreveu o leitor Petronio Celestino a fim de «denunciar ao povo, por intermédio deste jornal, mais um crime da polícia a serviço dos «coroneis» deste município.»

Segundo o leitor, recentemente, foi morto em circunstâncias as mais bárbaras, na cadeia local, um peão (cuja identidade a polícia não revelou) que trabalhava numa das fazendas locais. O autor do crime foi o cabo de polícia Nelson de tal, responsável por um outro ato de violência, há cerca de dois anos, contra um trabalhador.

O peão, narra o leitor Petronio, achava-se num hotel, em Vila Progresso, quando recebeu ordem de prisão de um soldado do destacamento local. No trajeto para a cadeia, o mencionado cabo Nelson reclamou do soldado que lhe fizesse entrega do preso e, uma vez na delegacia, foi o infeliz trabalhador submetido a terrível surra. Durante a noite, confessa a polícia, a vítima queixava-se de intensa sede, gritando que ia morrer. No dia seguinte, e ainda a polícia quem informa, foi encontrado morto, no cárcere, só tendo sido encontrado morto, no cárcere, só tendo sido encontrados em seus bolsos 30 cruzeiros. Finalmente, foi sepultado no cemitério de Centenário do Sul.

### ATITUDE DE CULPA

continua o leitor, que a polícia tenha proibido terminantemente o descobrimento do cadáver. Entretanto, desejosos de conhecer a identidade do morto, algumas pessoas conseguiram ver, sob o lençol que o envolvia, equívocos generalizados no corpo do tra-

### REINCIDENTE

«O nome do cabo Nelson deve ser guardado pelo povo», diz o leitor, acrescentando que há uns dois anos o mesmo indivíduo prendeu e espancou um indefeso trabalhador. Quando notou que o preso estava em perigo de vida, correu pressuroso, metendo-o num automóvel, na calada da noite. «Tomando o rumo do porto, onde não se sabe se o deixou em correnteza ou se o deixou em algum local, onde daquem ou dalem rio Parana-panema.»

**“Estudos Sociais”**

Nas livrarias e bancas de jornais

N.º 3 - 4, com 192 páginas,

Cr\$ 30,00



# PARA BEM SERVIR A LIGHT

## UDN E GOVÊRNO SÃO ALIADOS

Sob a batuta da Light e da Bond and Share, os setores entreguistas do governo e da oposição puseram de lado todas as divergências políticas e somaram os seus votos para impor a aprovação do veto apostado pelo sr. Kubitschek ao parágrafo 20 (emenda Sérgio Magalhães) ao artigo 59 da nova lei de Imposto de Renda. Esse parágrafo proibia que a reavaliação do ativo das empresas concessionárias de serviços públicos — que será feita, a partir de agora, de dois em dois anos — tivesse efeito para o fim de cálculo das tarifas. Desse modo, a emenda do sr. Sérgio Magalhães visava defender a economia popular e evitar uma nova sanha no nosso balanço de pagamentos por meio de remessas de lucros ainda maiores por parte daqueles trustes estrangeiros, que detêm 80% de toda a produção de energia elétrica do país.

A iniciativa do sr. Kubitschek vetando o referido parágrafo e a atitude do Congresso ao aceitar esse veto significaram, em poucas palavras, um escandaloso favor à Light e à Bond and Share e um fator de agravamento da crise cambial e da carestia de vida.

### PRESSÃO DOS TRUSTES

As semanas que precederam a reunião do Congresso Nacional em que seria apreciado o veto foram de intensa atividade para os agentes dos trustes. Precisavam, inicialmente, ganhar a batalha no Catete, isto é, conseguir o veto. Ganharam. Nesse sentido, resalta a completa identidade dos argumentos utilizados na fundamentação

do veto assinado por JK e na campanha publicitária através da imprensa, paga pelos dois trustes. O governo, sem nenhum disfarce, cedeu à pressão dos monopólios estrangeiros. O deputado Sérgio Magalhães deixou claro que o redator das razões do veto é um servidor daquelas empresas estrangeiras. E o deputado Bilac Pinto, em seu caloroso discurso, caracterizou o veto como uma vitória do "grupo de pressão das empresas concessionárias de energia elétrica, mais poderoso do que o governo".

Em seguida, os trustes passaram a movimentar a sua máquina de propaganda na chamada "grande imprensa" e a entrar em entendimentos com determinadas bancadas do Parlamento. No final, graças ao "poder de convencimento" da Light e da Bond and Share — poder tão grande que elimina a área do entreguismo, qualquer divergência entre governo e oposição — foi o veto antinacionalista aprovado pelo Congresso.

### A UDN DECIDIU

Diversas conclusões podem ser tiradas da sessão em que os dois poderosos trustes lograram do Congresso a aprovação para o seu veto. Uma dessas conclusões é que coube à direção da UDN assegurar a vitória da Light e da Bond and Share. O deputado João Agripino, líder da bancada udenista, não trabalhou menos que o deputado Armando Falcão, líder do governo, para a rejeição do parágrafo 20. Naquele instante, desapareciam como por milagre quaisquer contradições entre os dirigentes da UDN e do PSD; com igual fervor serviam ao mesmo deus. O sr. João Agripino, convertendo a sua liderança em pósto de cabala da Light, distribuiu solitamente aos representantes udenistas as cédulas que aprovavam o veto. E agia com tal desembaraço que chegou a ser interpelado pelo deputado Seixas Dória, que não admitia viesse a UDN romper a sua linha de oposição pelo fato de estarem em jogo interesses de monopólios imperialistas. Entretanto, esse rompimento se deu. É verdade que, fiéis aos interesses nacionais, alguns parlamentares udenistas rejeitaram o veto, alguns deles inclusive, como os srs. Bilac Pinto e Ferro Costa, denunciando da tribuna o caráter entreguista da iniciativa governamental. A liderança da UDN tomou, porém, posição aberta a favor do veto, levando a grande maioria dos parlamentares udenistas a rejeitar o parágrafo 20. Esses votos udenistas somados aos da maioria do PSD

\* O veto de JK ao parágrafo Sérgio Magalhães foi imposto pelos trustes de energia

\* O PSD fugiu ao debate e a UDN assegurou a vitória da Light e da Bond and Share

\* Vibrante a luta travada pelos parlamentares nacionalistas

e do PSP deram a vitória à Light e à Bond and Share. Vem por aí os brasileiros o que significa, na realidade, a oposição udenista: quando o governo age no interesse dos trustes o partido do sr. Carlos Lacerda se converte em sustentáculo do governo. A atitude da liderança udenista foi confirmada na nota oficial do sr. João Agripino publicada no "Jornal do Brasil" do dia 11.

### O PSD FUGIU AO DEBATE

Quando ao PSD, atuou como uma máquina de votar. Com a exceção honrosa dos pessimistas que integram a Frente Parlamentar Nacionalista, os repre-

sentantes do partido majoritário limitaram-se a depositar na urna as cédulas "Não". O sr. Armando Falcão não teve a coragem de ir para a tribuna defender o veto, contestar as críticas irresponsáveis dos parlamentares nacionalistas. Contudo, a três inexpressivos representantes do PSD a ingrata tarefa de fazer uso da palavra, e isso apenas para confirmar o sentido antinacional e antipovo do veto. Um desses deputados pessimistas — o mato-grossense Mendes Gonçalves — chegou ao deslante de falar como representante das empresas estrangeiras no momento em que, pretendendo responder a um desafio do sr. Sérgio Magalhães, garantiu que os trustes da energia elétrica reduziriam as tarifas no caso de ser iniciada a estabilização da moeda.

A verdade é que não seria possível ao PSD enfrentar o debate. As alegações do veto

foram pulverizadas, uma a uma, inapelavelmente pelos parlamentares nacionalistas, sobretudo do PTB. Ficou mais do que provado que o veto, servindo unicamente à Light e à Bond and Share, vai importar num substancial aumento do custo de vida. Acontece, porém, que o sr. Juscelino Kubitschek, em seu discurso de 12 de março anunciou que o governo tomara, afinal, a decisão, de conter a alta dos preços. E ainda este mês, respondendo aos trabalhadores paulistas, assegurou JK que o governo estava pronto a tomar medidas a fim de limitar as remessas de lucro para o exterior. O veto de agora, entretanto, significa exatamente o oposto: um estímulo à carestia de vida e lucros ainda maiores a serem remetidos pela Light e a Bond and Share. Como poderia o partido governista defender semelhante veto?



Dep. Sérgio Magalhães

### LUTARAM OS NACIONALISTAS

Os parlamentares nacionalistas travaram uma luta vigorosa e brilhante contra o veto. Argumentando e fornecendo dados concretos mostraram a exploração a que os trustes de energia elétrica submetem o nosso povo e a pressão que exercem sobre os governos, assim como provaram que o veto, abrindo caminho para novas majorações das tarifas dos serviços públicos, vai determinar mais uma sanha no balanço de pagamentos do país e uma mais acelerada carestia de vida.

É interessante assinalar que em sua maioria, os parlamentares que discursaram contra o veto são valores novos do Parlamento, eleitos pela primeira vez no pleito de outubro. Entre eles estão os srs. Temperani Pereira, Bocayuva Cunha, Florêncio Paixão, Fernando Santana, Salvador Losacco, Lício Hauer e Ciemens Sampaio, do PTB, e Ferro Costa, da UDN do Pará. Foram pontos altos também no debate os discursos dos srs. Sérgio Magalhães e Unirio Machado, do PTB, e Bilac Pinto, da UDN.

O resultado da votação do veto foi o seguinte: 188 a favor, 107 contra e 20 abstenções.



Dep. Lício Hauer



Dep. Fernando Santana

## O DEBATE PROVOU

Nos debates havidos no Congresso em torno do veto da Light e da Bond and Share ficou provado:

1) O governo viola a lei. As questões relacionadas com as tarifas de serviços públicos são reguladas por uma legislação especial. A alteração das tarifas através de estatuto que visa especificamente o imposto de renda importa, portanto, em violação da lei.

2) O governo concede escandaloso favor aos trustes. A alegação da Light e da Bond and Share de que os seus lucros não são compensadores e inteiramente mentirosos. No ano passado, o lucro líquido confessado da Light foi de 22 milhões de dólares. O tomamento contábil da filial da Bond and Share no Rio Grande do Sul revelou que essa empresa auferiu, na verdade, um lucro superior a 50% sobre o seu investimento, cada ano. Se a sua encampação tivesse sido feita em dezembro de 1957, e levando em conta apenas os excessos de lucros apurados, ela teria não de ser indenizada, mas de devolver ao Estado cerca de 360 milhões de cruzeiros, conforme denunciou o deputado Bilac Pinto. Portanto, permitir por lei que essas empresas imperialistas aumentem as suas tarifas e

conceder-lhes um favor escandaloso.

3) O governo estimula a carestia. A concessão desse favor à Light e à Bond and Share significa mais carestia de vida. O deputado Temperani Pereira denunciou que os trustes já prevêm um aumento de 30%, em média, nas tarifas de força, luz, gás, telefones e bondes. Atingindo a indústria, essa elevação implicará em nova onda inflacionária em todos os gêneros. Desse modo, o combate à carestia anunciado pelo governo vai se reduzindo a uma ficção.

4) O governo financia os trustes com dinheiro do povo. Alega o governo que o aumento de tarifas é necessário para, permitindo às concessionárias obter compensadores, estimulá-las à realização de obras de base no terreno da energia elétrica. Mas esta provação que essas empresas têm lucros excessivos. Ninguém se opõe à necessária ampliação dos serviços de energia elétrica no país. O que não é justo é que trustes estrangeiros aumentem o seu capital à custa de maiores sacrifícios do consumidor brasileiro, obrigado a pagar tarifas mais caras. A aprovação do veto significa que ao invés de trazerem capital de fora, a Light e a Bond and Share serão financiadas, em proporção maior do que até agora, pelo próprio povo brasileiro.

5) O governo agita a crise cambial. Sendo certo que a majoração de tarifas se destina a aumentar os lucros das concessionárias estrangeiras, conclui-se que será incrementada a remessa desses lucros para o exterior, consumindo-se ainda mais as nossas escassas divisas e agravando-se o déficit crônico da nossa balança de pagamentos. Como resultado, novos estímulos à alta de preços.

## Câmara de São Paulo (unânime):

S. PAULO (Da correspondente) — Durante a reunião de sexta-feira última da Câmara Municipal desta capital, os vereadores acolheram por unanimidade um requerimento apresentado pelo vereador Milton Marcondes e suscitado ainda pelos edis Freitas Sobrinho e Prestes Franco, cuja redação é a seguinte:

— "Requeremos à Mesa,

### NO PARÁ

BELEM (Do Correspondente) — O jornal "O Paraense", desta capital, publicou a seguinte nota sobre NOVOS RUMOS:

"Recebemos um exemplar do semanário 'Novos Rumos', órgão que se edita na capital da República. Jornal de feitura moderna, traz em seu bojo extensa matéria de leitura, notadamente nacionalista da esquerda. Evidentemente trata-se de uma publicação partidária, mas extremamente útil e interessante para os que se interessam pela luta política que se avizinha — onde naturalmente o povo terá papel preponderante — e quando a independência econômica do Brasil estará em jogo.

Ao agradecermos a gentileza da oferta, desejamos ao confrade carioca os nossos votos de longa existência."

## VOTO DE JÚBILO PELO APARECIMENTO DE NR

### Comentários da imprensa paraense

ouvido o Plenário, em regime de urgência, seja consignado nos Anais desta Câmara um voto de congratulações e de júbilo pelo aparecimento do jornal NOVOS RUMOS, símbolo de uma era que está, felizmente, se caracterizando pelo alto sentido genuinamente nacionalista de todas as iniciativas. Jornal que se propõe a ser — e está sendo — o grande e indomito arauto das verdadeiras aspirações de independência e de liberdade do povo brasileiro, NOVOS RUMOS surge no cenário jornalístico de nosso país como uma bandeira a conchamar todos os brasileiros à luta pela nossa total e definitiva emancipação política e econômica. Saudando o aparecimento do novo jornal, esta Câmara reafirma, pois, a sua fé nos destinos do Brasil que há de sair vito-

rioso e engrandecido da luta autenticamente verde-amarelo em que todos nós estamos entusiasmadamente empenhados.

## PRESSÃO DE ASSEMBLÉIAS ESTADUAIS

A luta pela derrubada do veto imposto pela Light e a Bond and Share não empolgou apenas os parlamentares nacionalistas. Também nos Estados as bancadas nacionalistas se movimentaram em apoio ao movimento contra o veto. A Assembléia Legislativa de São Paulo, na sessão do dia 3, aprovou uma resolução, assinada por 36 deputados, apelando para o Congresso Nacional no sentido de rejeitar o veto. Mais significativa ainda foi a atitude da Assembléia

Estadual do Rio Grande do Sul, que mandou oficialmente uma delegação, em nome de todos os partidos, composta dos srs. Pedro Alvarez, Cândido Norberto, Hélio Carlomagno e Afonso Acher para acompanhar no Palácio Tiradentes a votação do veto ao § 20 do artigo 59. Tais exemplos comprovam que o veto de JK e a decisão do Congresso de aceitá-lo contrariam as mais legítimas reivindicações do povo brasileiro.



A pesquisa palpitante em busca das origens do cristianismo foi conduzida à tribuna da Câmara pelo representante alagoano sr. Medeiros Neto, que é, fora da esfera político-partidária, sacerdote católico. O padre Medeiros Neto apenas aflorou o apaixonante debate. Dispunha de escassos minutos na tribuna e evidentemente não citou as quatorze epístolas de Paulo, nem São Marcos, São Mateus, São Lucas ou São João Evangelista.

Limitou-se o padre-deputado a esclarecer trecho de uma palestra do radialista Zaur na TV. Zaur exibiu documento provando que o padre Medeiros Neto era membro da Legião da Boa vontade. Isso como demonstração de que a Legião não constitui seita fechada a sete chaves, "estada pelo ódio", como diria o poeta Augusto Frederico Schmidt. (Schmidt, Schmidt, Schmitt, Schmid ou Schmitz?).

Aparentemente em desacordo, Medeiros e Zaur forneceram aos interessados no exame do assunto uma bela lição de tolerância e ao mesmo tempo de firmeza ideológica. Zaur, aceitando o concurso dos pastores eclesásticos para reforçar os destacamentos de guarda de suas ovelhas, Medeiros, reconhecendo na Legião finalidades de fundo cristão. Zaur sustenta que o cristianismo deve formar imensa família. Embora não tenha tido literatura própria, embora nascido sob a influência do religião mais velhas, sustenta Zaur que sua força original surgiu muito antes de Cristo, antes da apocalíptica judaica, antes das primeiras pregações religiosas da Índia, da China e de outras civilizações mais antigas. Medeiros, finalmente, sem agredir Zaur, declarou-se desligado da Legião a que realmente aderiu. Desligou-se por um motivo compreensível: fidelidade à Igreja e à autoridade absolutista de seus superiores hierárquicos, aos quais se encontra amarrado, conforme proclamou da tribuna do Palácio Tiradentes, por obediência cega.

Em resumo: Zaur e Medeiros deram uma bela lição aos que se deixam sugar pelo ódio, esquecidos das lições do budismo, do shintoísmo, do judaísmo e dos próprios ensinamentos de Cristo, colhidos pela tradição oral e anotados cuidadosamente pelos apóstolos e evangelistas. Com isso há de concordar, no íntimo, o próprio D. Jaime Câmara.

A proposta de Zaur e Medeiros, por que não lembrar o democrata-cristão Franco Montoro? O novo deputado paulista levou também à tribuna da Câmara um tema apaixonante, embora evitado de materialismo.

Que disse Montoro? De novo, precisamente nada. Mas reafirmou uma grande verdade. Uma verdade tão grande que está hoje entrando até pelos olhos daqueles que não querem ver. Montoro reafirmou a grande verdade como expressão do pensamento de seu partido, o PDC, estruturado em plagas brasileiras à imagem e semelhança da organização democrata-cristã da Itália.

Eis a verdade que o PDC hoje reconhece: as subnutridas populações latino-americanas, entre 1950 e 1953 remeteram aos States 436 milhões de dólares mais do que receberam daquele generoso reduto imperialista. "Ajudamos mais do que somos ajudados", disse Montoro, que reclamou rigoroso controle nas exportações de lucros, defesa de nossas matérias primas e formação de um bloco de auto-defesa latino-americano. Com isso há de concordar, no íntimo, o próprio coronel Dauló.



REFORMINHAS E REFORMA AGRÁRIA:

A Terra Já Começa a Tremar Sob os Pés Dos Latifundiários



Não é de hoje o problema da reforma agrária. Por ela milhares de camponeses brasileiros vêm lutando há muitos anos. Nessa luta, algumas vezes de armas nas mãos, foram inumeráveis as conferências e congressos camponeses realizados nos mais diversos pontos do país. Na foto, flagrante tomado por ocasião de uma dessas conferências onde o problema da terra ocupou, como sempre, lugar de destaque.

A reforma agrária — ao que tudo indica — conquistou um lugar definitivo e destacado na ordem do dia dos grandes problemas nacionais. Na medida em que, ocupando-se hoje com o problema diferentes forças políticas e correntes de opinião, que vão da Igreja Católica aos partidos populares e de esquerda, incluindo também as mais altas autoridades do país, a começar pelo presidente da República. Certamente não terão apenas nas presentes dificuldades o alicerce necessário para serem resolvidos os problemas que o processo interno para a produção industrial, sem falar nas lutas que repetiram ora aqui, ora ali, em forma de posse da terra, os fatores que propiciaram impeliram a questão da reforma agrária ao primeiro plano.

der Câmara, que vem sendo a porta-voz da Igreja no que respeita à reforma agrária, não ocultou o caráter político do seu programa: arrebatá-la aos comunistas uma bandeira que imaginavam propriedade deles. Em verdade, a declaração de D. Helder não refuta a verdade histórica de que foram os comunistas os primeiros a levantar essa ideia no Brasil, como uma bandeira de luta. Ainda há dias, em artigo num jornal desta Capital, o deputado Nelson Carneiro recordava a evolução da ideia da reforma agrária até os nossos dias, com as numerosas entradas na política.

O CARATER DA REFORMA

De fato, a reforma agrária, nos termos em que a propõe a Igreja, é apenas uma experiência bastante limitada, no que, aliás, não há maior originalidade, pois outras já têm sido tentadas sem sucesso. Tendemos a Igreja fixar em três de suas fazendas, famílias de camponeses, flagelados da seca do Nordeste e famílias urbanas, facultadas. Se a experiência apresentar êxito — e D. Helder quem a diz — outas discussões, além do governo federal, dos governos municipais e dos proprietários ru-

D. Helder Câmara diz que vai arrebatar uma bandeira dos comunistas — Pela primeira vez o assunto aparece em Mensagem do Catete — Posição do PTB — PSD e UDN reagem assustados — Medidas são projetadas nos Estados — Campanha para as massas

rais (sic) seguirão o exemplo da Igreja. Ou seja: os donos de terras, voluntariamente, dividirão suas propriedades, entregando-as aos camponeses. D. Helder define também a entrega das terras como uma doação condicionada e estabelece ainda uma série de outras limitações, entre as quais a proibição da venda das terras dadas. Entretanto, várias questões concretas ainda não foram esclarecidas pelo porta-voz da Igreja, entre elas a forma de pagamento da terra (será paga pelos donatários), as formas de assistência, os critérios de seleção dos ocupantes etc., sendo certo, porém, que caberá ao governo solucionar os principais problemas imediatos, apesar das diminutas proporções da experiência.

NA MENSAGEM DE JK

Também em sua Mensagem ao Congresso Nacional, resolveu o presidente da República, pela primeira vez, ainda que de modo bastante vago e geral, aforar o problema. Diz a Mensagem, na parte introdutória: «Cumprido, todavia, não esquecer que muitos dos problemas atuais da nossa agricultura são de caráter estrutural. Para solução de alguns deles, confia o Governo em que o Congresso de lá a Nação uma lei agrária apta a proporcionar a melhoria do nível de vida das populações rurais — com a consequente ampliação do mercado interno — e a incrementar a produção de alimentos. O desenvolvimento do País está a pedir, simultaneamente com o progresso industrial, e como contrapartida dele, uma legislação que facilite a maior número de brasileiros, o acesso à terra, confira ao uso desta sentido verdadeiramente social e estimule a renovação tecnológica dos procedimentos da produção agropecuária.

Acham-se, no Congresso, diversas proposições tendentes a esse objetivo. Por sua vez, o Governo examina, no momento, os diferentes aspectos da questão, habilitando-se a oferecer oportunamente ao Legislativo os frutos do seu estudo.

Em outra trecho da Mensagem, referindo-se às correntes migratórias que se verificam no interior do País, declara o presidente: «É preciso que tão amplo e corajoso movimento se processe de maneira disciplinada, a fim de evitar a repetição, nessas zonas de que ocorreu neutras lutas, onde o esforço pioneiro do trabalhador rural não colheu frutos, fraudado pelos interesses de poderosos grupos privados. É certo que estas palavras, por si, estão longe de significar a reforma agrária. Mas, não deixa de ter certo sentido positivo, o simples reconhecimento da existência do problema ou a condenação da política adotada por certos grupos do próprio PSD e da UDN, como sucede no Paraná, onde periodicamente os posseiros têm que defender-se dos capangas das companhias grileiras.

POSICÃO DO PTB

De todos os pronunciamentos sobre a reforma agrária, porque foi aquele que recebeu uma formulação mais objetiva, o do Partido Trabalhista — tanto através do vice-presidente João Goulart, como pelo discurso do sr. San Tiago Dantas, na Câmara

dos Deputados — foi o que suscitou maior interesse e mais vivos debates. Para o PTB, o ponto de partida de uma nova política agrária, que assegure a posse da terra aos que nela trabalham ou desejem trabalhar, é a reforma da Constituição. Os termos do dispositivo constitucional em vigor sustentam com razão o PTB, tornam qualquer reforma agrária inviável, tão elevadas seriam as somas a pagar aos donos de terras desapropriadas. Assim, preconizam o sr. João Goulart e o deputado San Tiago Dantas uma modificação da Constituição de tal modo que a desapropriação das terras a serem divididas seja feita segundo o critério do custo histórico e do preço venal.

Ao mesmo tempo, anuncia o presidente do PTB o propósito de levar a campanha pela reforma agrária às massas, mediante uma série de iniciativas de mais amplo caráter.

REAÇÃO DO PSD E DA UDN

Partidos muito heterogêneos, mas nem por isso sem sólidas vinculações com os grandes proprietários de terras a reação do PSD e da UDN às propostas do PTB são semelhantes entre si. Não chegam, tomados no seu todo, como partidos, a rebater a ideia da reforma agrária, e que poderia ser parti-



Dezenas de milhares de agricultores brasileiros que trabalham em terra arrendada ou sob o regime da parceria, da meia ou da terça, não podem usufruir todos os frutos do seu trabalho. Os proprietários das terras os exploram por todos os meios, transformando-os em verdadeiros servos da gleba. Na foto, aspecto de uma concentração de cinco mil colonizadores em Paraguassu, no Estado de São Paulo, reivindicando melhores preços para o seu produto.

cularmente arriscando nesta fase pré-eleitoral. Mas, também, não ocultam seu receio de que a campanha pela reforma ganhe corpo e acabe por se injeccionar como uma realidade.

Coube ao deputado Vasconcelos Torres, do Estado do Rio, responder ao discurso do deputado trabalhista, em nome do PSD. Apesar dos cuidados com que procurou ocultar suas ideias fundamentais, encontramos, em seu discurso, trechos como este: «Que resta hoje do latifúndio tal como recebemos da República Velha? A terra, que era apanágio, definindo uma estrutura feudal, converteu-se em mercadoria corrente, circula rapidamente sob a forma leve do contrato de promessa de venda, o que define uma estrutura capitalista moderna. Assim, pois, quanto ao regime de propriedade da terra, tudo vai no melhor dos mundos para o deputado fluminense, jovem ainda, mas já bastante reacionário e também entreguista, que se vem revelando em defesa da Light

FALANDO CLARO

Entretanto, se o sr. Vasconcelos Torres procurou encerrar o seu discurso de certas cautelas, o mesmo não se poderá dizer do seu correligionário também do Estado do Rio, deputado Mário Tamborindeguê, ativo empresário e próspero fazendeiro. Para este deputado, o homem do campo (sic) tem suas inúmeras dificuldades acrescidas agora com a instauração de reformas de profundidade, que ameaçam o direito de propriedade. (O destaque é nosso). E para que não fiquem dúvidas so-

bre suas ideias, acrescenta em outro trecho do seu discurso: «A reforma agrária já está sendo feita pelo atual governo da República (o que, como se vê, choca-se com a opinião do próprio JK...), abrindo estradas e criando elementos para a produção de energia elétrica; procurando fabricar no país veículos que servem sobretudo ao homem do interior, os tão desejados jipes, os carros de tração nas quatro rodas...»

QUAL O PREÇO?

Em convenção recentemente realizada em S. Paulo, por proposta do deputado nacionalista Seixas Dória, a UDN aprovou uma moção condicionando seu apoio a qualquer candidato à sucessão presidencial ao compromisso de realizar a reforma agrária. A proposta foi do sr. Seixas Dória, mas quem explicou qual a reforma desejada pela UDN foi o seu líder na Câmara, deputado João Agripino.

Seu discurso, pronunciado também em resposta ao sr. San Tiago Dantas, procura colocar a reforma agrária em termos políticos, para ocultar o revolta que o problema suscita nos círculos dominantes da UDN. Pergunta ele: «Mas, como pode o PTB pensar que, nesta Casa passe, porventura, uma reforma constitucional que permita ao Poder Executivo desapropriar, não pelo justo preço, mas por um preço social a ser fixado por um organismo qualquer? Mas, também, não se levanta uma ponta do véu: a questão, de fato, é do preço. Que preço pagar? O justo preço ou um preço social? Em outras palavras:

reformular ou não a Constituição, realizar ou não a reforma agrária?»

O PROBLEMA É VIVO

Fora do Congresso Nacional, nos Estados, o problema da reforma agrária também se apresenta requerendo solução urgente. No Estado do Rio (V. último número de NR), o governo elabora um plano-piloto; em Sergipe, o governo distribui entre lavradores sem terras a fazenda Curimatás e se prepara para fazer o mesmo na região de Palestina. Projetos de reforma agrária também são estudados em Pernambuco, Ceará e Rio Grande do Sul, enquanto no Paraná acumulam-se no horizonte nuvens ameaçadoras de um novo assalto das companhias grileiras às terras dos posseiros.

CAMPANHA PARA AS MASSAS

Assim, pois, pelas reacções que aqui observadas nos principais partidos políticos, tudo faz crer que a reforma agrária, compreendida essencialmente como uma redistribuição da propriedade no campo, só será vitoriosa se os deputados e senadores que a defendem contarem com o apoio de um forte movimento de opinião em todo o país, e, antes de tudo, com o apoio da incontável legião de homens do campo, que trabalham a terra mas não a possuem.

BANDEIRA POLÍTICA

Entrevistada por uma revista desta Capital, o Helder

CABO FRIO

GRILLO AMEAÇA 1.200 FAMÍLIAS

Os moradores se organizaram para resistir e não permitiram a medição dos terrenos

Cerca de 1.200 famílias, em sua maioria de pescadores, estivadores e trabalhadores em trapiches, residentes nas terras da Praia da Gamboa, no município de Cabo Frio, vivem atualmente numa dramática batalha contra a Companhia Odeon, que pretende loteá-la em áreas onde habitam há mais de 40 anos. A área está situada dentro dos limites das chamadas terras de Marinha, do Patrimônio Nacional, A Companhia Odeon, entre outros, intitulando-se proprietária das referidas terras, vem tentando desalojar os seus moradores para proceder ao loteamento.

REPELIDO O ENGENHEIRO Dispostos a defender os seus direitos, os moradores locais impediram que o engenheiro enviado pela Companhia fizesse a medição dos terrenos. Logo depois, resolveram organizar a Comissão de Defesa do Bairro, que vem desenvolvendo intensa atividade junto às autoridades, de modo a evitar que as terras da União venham a ser griladas pela empresa loteadora, e milhares de pessoas desalojadas de suas residências.

METALÚRGICOS VÃO REALIZAR UM ENCONTRO CONTINENTAL

144 delegados (12 Estados) e numerosas delegações estrangeiras participaram do II Congresso Nacional dos Trabalhadores Metalúrgicos — Principais resoluções — O próximo será em Belo Horizonte

Principais resoluções

O II Congresso aprovou uma Declaração de Princípios que contém os seguintes pontos: monopólio estatal do petróleo, limitação de remessa de lucros, reforma agrária, liberdades democráticas, relações comerciais com todos os países e paz entre os povos. No terreno sindical: carista da vida, liberdade sindical, contrato coletivo de trabalho, previdência social e insalubridade do trabalho.

Delegações Estrangeiras

Tomaram parte no II Congresso as seguintes delegações estrangeiras: Oscar Ramos, Juan G. Romano, Rosario Pietraroia, Alfredo Alberdi e Roberto Costaroga, do Uruguai; Virgílio Benavides e Laureano Torralba, Venezuela; Pedro Orrellana e Elias Mallea Bravo, Chile; Leoncio Palma Courrejolles, Peru; 2 delegados pela Bolívia e Giacomo Aducci, Secretário Geral da União dos Sindicatos Mecânicos e Metalúrgicos (Depart. Profissional da FSM).

Um encontro continental

Aproveitando a presença de delegados de países da América Latina, ficou deliberado que se empenhassem todos os esforços para a organização de um encontro sindical entre todos os metalúrgicos e suas organizações sindicais do continente americano. Para isso ser posto em prática, o II Congresso

aprovado que se emendassem esforços para que se apresentasse a aprovação da lei que regulamenta o direito de greve.

III Congresso, em Belo Horizonte

O II Congresso deliberou que o próximo Congresso seja realizado em Belo Horizonte, em 1961. Para dirigir os trabalhos preparatórios desse Congresso, se organizou uma Comissão de Planejamento Nacional. As decisões do II Congresso servirão de roteiro para a organização do próximo certame dos metalúrgicos. Por último, elegeu-se a Comissão Nacional de Planejamento, composta de presidentes e diretores das entidades sindicais de metalúrgicos de todo o país.

so deixa nas mãos da Comissão de Planejamento Nacional por em andamento essa decisão.

Um encontro continental

Aproveitando a presença de delegados de países da América Latina, ficou deliberado que se empenhassem todos os esforços para a organização de um encontro sindical entre todos os metalúrgicos e suas organizações sindicais do continente americano. Para isso ser posto em prática, o II Congresso







# REVÊS DA LIGHT NA



Os telefones públicos da Light não diferem dos da rede comercial ou domiciliar: também são péssimos. Com a agravante de que são poucos, mal localizados, sem falar no fato de que o Rio é uma das poucas cidades que não possuem cabines telefônicas nas ruas para uso da população

# CÂMARA MUNICIPAL DE SÃO PAULO

A Light, personificada na Companhia Telefônica Brasileira, acaba de sofrer significativo revês na Câmara Municipal de São Paulo, quando, por larga margem de votos — 24 contra apenas 3 —, foi rejeitado o projeto apresentado pelo vereador Ermanno Marchetti. Desde 1936 expirou o contrato mantido durante trinta anos entre a Prefeitura da Capital de São Paulo e a Companhia Telefônica Brasileira. E, em vista da extrema precariedade de tais serviços, o problema passou para o primeiro plano, sendo colocado com insistência pelos vereadores, a quem compete encontrar, juntamente com o prefeito, uma solução.

### QUATRO PROJETOS

Assim, nos últimos meses, nada menos de quatro proposições sobre o assunto foram apresentadas: do vereador André Nunes Júnior, dispo-

concorrência pública; do vereador João Louzada, estabelecendo a encampação da Cia. Telefônica; do vereador Mayer Filho, visando a renovação pura e simples do atual contrato entre a concessionária e a municipalidade; e

cionais e da população de São Paulo.

### FRENTE NACIONALISTA DE VEREADORES

Os frutos desse apoio popular aos vereadores nacio-

certamente o fruste teria levado a melhor. No plenário, propugnando pela solução nacionalista, destacaram-se os vereadores Mário Câmara, João Louzada, Barbosa Lima, Matilde de Carvalho e Freitas Nobre.

## Rejeitado por esmagadora maioria o projeto entreguista do vereador Marchetti, que visava a entregar, sem concorrência, o serviço à Cia. Telefônica Brasileira — Apoio popular à vitoriosa resistência nacionalista — Prosseguirá a luta

Reportagem de PEDRO D'ANGELO (De São Paulo)

PALAVRAS DO VEREADOR BARBOSA LIMA

Falando sobre o projeto Marchetti, o vereador Adroaldo Barbosa Lima disse, entre outras coisas, que os integrantes da Frente Nacionalista não podem nem devem cruzar os braços em face da matéria de vulto em que o interesse nacional e a economia popular estão em causa. Tal projeto, acrescentou, onera as gerações futuras, além de subverter o legítimo conceito de serviço público. O projeto não atende à economia popular, implica na redução das próprias atribuições legislativas. Não estabelece sanções severas para os casos de inatendimento contratual e pelas infrações; não dá o conceito de custo de serviço nem define o que se deve entender por investimento, nem prescreve normas para apuração deste elemento. Por isto, o projeto mereceu o decidido repúdio dos nacionalistas.

### A TELEFÔNICA VOLTA A CARGA

Falando após a rejeição do seu projeto, declarou o sr. Marchetti que voltaria a apresentá-lo, pois considera que é pura perda de tempo a aprovação do projeto do vereador Nunes Júnior abrindo concorrência. Argumenta o vereador entreguista que o mesmo sucedeu em Campinas, onde, ao fim do prazo previsto para apresentação de propostas, só um candidato se apresentou: a própria Companhia Telefônica Brasileira.

Assim, portanto, tudo indica que a Telefônica está apenas num compasso de espera e que a luta em torno do problema dos telefones voltará a acender-se mais dia menos dia.

Finalmente, o projeto do sr. Ermanno Marchetti, pelo qual a exploração do serviço telefônico seria entregue, sem concorrência, à Companhia Telefônica.

### PROJETO ENTREGUISTA

Como se vê, o projeto do sr. Marchetti é caracterizadamente entreguista, pois visa a perpetuar uma situação calamitosa, no que se refere aos serviços telefônicos. Embora tivesse sido acolhido em primeira discussão, o projeto Marchetti causou descontentamento entre a população paulistana, pois, além de afastar a concorrência, contém, ainda, uma série de cláusulas completamente inaceitáveis do ponto-de-vista dos interesses da Edilidade. Efectivamente, preconiza o sr. Marchetti a isenção de impostos municipais e taxas aduaneiras em benefício da concessionária; privilégio nas desapropriações; garantias de juros; permissão de lucros extraordinários, sob a modalidade de tarifas cobradas à base do custo de reprodução de seus bens, reavaliações ou avaliações repetidas e flutuações dos níveis dos preços. Em suma, um projeto entreguista, autêntico acordo de Cambóim no qual a Prefeitura e a população paulistana ficariam na pior posição.

Finalmente, o projeto do sr. Ermanno Marchetti, pelo qual a exploração do serviço telefônico seria entregue, sem concorrência, à Companhia Telefônica.

### LUTA ARDUA

A rejeição do projeto entreguista do sr. Marchetti, desde logo identificado como projeto da Telefônica, não se deu em energia tomada de posição por parte dos vereadores nacionalistas. Por duas vezes, as sessões da Câmara foram interrompidas, pois os que defendiam a entrega dos serviços à Telefônica queriam a todo transe impor seu ponto-de-vista. E, não fosse a resistência patriótica de alguns vereadores,

# CARVÃO BRASILEIRO X CARVÃO AMERICANO

IVO MENDONÇA

O carvão brasileiro vem sendo relegado, pelo Governo Federal, a um plano secundário. As dificuldades de nossa indústria carbonífera são inúmeras, sendo a principal a concorrência desleal feita pelo carvão norte-americano, que tem todas as facilidades de importação, como se o Brasil não produzisse carvão.

No ano de 1956, o Brasil consumiu 1.549.997 toneladas de carvão nacional, assim distribuídas pelos Estados produtores:

- Santa Catarina ... 751.446
- Rio Grande do Sul 723.403
- Paraná ..... 79.146

Neste total, está incluído o chamado "carvão vapor" e o chamado "carvão metalúrgico". O "carvão vapor" é utilizado em nossas ferrovias, navios e usinas termoeletricas e o "carvão metalúrgico" nas usinas siderúrgicas.

A quase totalidade do carvão metalúrgico é produzida pelas minas de Santa Catarina.

A Companhia Siderúrgica Nacional detém em suas mãos o mercado produtor e consumidor de carvão.

Por incrível que pareça, a Siderúrgica Nacional coloca todas as dificuldades no consumo de nosso carvão, deixando-o estocado nos portos de embarque e importando o similar estrangeiro em uma base de 800.000 toneladas anuais. O general Macedo Soares, presidente da C.S.N., tem colocado todos os entraves no consumo de nosso car-

vão e tem exigido de nosso governo o aumento das importações norte-americanas.

### VANTAGENS CAMBIAIS A CUSTA DO POVO

A C.S.N. tem visado, lamentavelmente, apenas lucros imediatos. Importa carvão estrangeiro com "dólar" preferencial e depois aprecia nos quatro ventos que o carvão norte-americano é mais barato e superior ao nacional. Esta manobra é fácil de ser desfeita. A diferença cambial o governo paga, ou, melhor, o povo brasileiro paga. Litigando em leilão para obter os dólares para a compra de carvão norte-americano, jamais conseguirá um preço compensador por tonelada. Pagará por tonelada de carvão importado o preço equivalente a cinco toneladas de carvão nacional.

Existe na Câmara de Deputados um projeto de lei, concedendo todas as vantagens possíveis para a importação do carvão norte-americano. A C.S.N. está interessada neste projeto, que fomenta o trabalho do deputado Leoberto Leal, já falecido, não tem conseguido aprovação nas Comissões.

O deputado Aurélio Viana foi o autor deste projeto que, se aprovado, irá beneficiar o imperialismo norte-americano e estrangalar nossa indústria carbonífera nacional. O deputado Aurélio Viana apresenta este projeto pensando que estava defendendo a

indústria siderúrgica nacional e, desconhecendo a matéria, não vislumbrou os prejuízos à nossa indústria carbonífera. Um envolvimento da C. S. N. que o deputado Leoberto Leal denunciou e outros deputados devem continuar denunciando.

O carvão nacional durante a II Guerra Mundial alimentou os altos fornos de Volta Redonda. Serviu durante uma época, por que não continua servindo?

Não vamos discutir as melhores qualidades do carvão norte-americano sobre o similar brasileiro. Vamos discutir se o maior número de calorías e menor teor de cinzas do carvão importado é motivo suficiente para ficarmos atrelados ao imperialismo norte-americano.

O carvão norte-americano produz 7.000 calorías e tem um resíduo de cinzas de 6%, ao passo que o nosso produz 6.800 calorías e tem um resíduo de cinzas de 16% (vide Decreto Lei n. 9.826 de 10-9-46).

A diferença, como vemos, é mínima, levando em consideração que Volta Redonda foi construída para ser abastecida pelo nosso carvão (capacidade de 20' nos altos fornos).

### INDÚSTRIA CARBONÍFERA — CAPITAIS NACIONAIS

O ponto principal, em defesa da indústria carbonífera nacional, está no fato de as empresas de mineração serem organizadas exclusiva-

mente por brasileiros e com capitais brasileiros. O imperialismo norte-americano não atingiu a indústria carbonífera. Talvez devido à facilidade com que joga nas importações do carvão norte-americano.

Os industriais de carvão, pressionados pelas dificuldades impostas pelo governo, descarregam estas dificuldades sobre os trabalhadores (mineiros). Este é o motivo dos baixos salários, péssimas condições de trabalho e todas as dificuldades dos bravos mineiros de carvão.

Os mineiros do carvão de Santa Catarina, Rio Grande do Sul e Paraná, através de seus sindicatos e de sua federação vêm lutando, dia a dia, por melhores salários e condições de trabalho. Greves e mais greves têm sido deflagradas em nossas minas de carvão. Greves heróicas que têm produzido bons resultados, porque obrigaram os industriais do carvão a procurar outra solução para suas dificuldades e não jogá-las sobre os ombros da classe operária. Hoje, os industriais do carvão já entendem que existe necessidade de ser iniciado um amplo movimento em defesa do carvão nacional. Não estão aceitando as posições governamentais como antes aceitavam.

Enquanto perdurar as importações de carvão estrangeiro, enquanto o governo federal não construir usinas siderúrgicas e termoeletricas, não haverá estabilidade para nossa indústria carbonífera.

### PARTICIPAÇÃO POPULAR

Colocado em tais termos, é natural que o projeto Marchetti tivesse suscitado séria indignação não apenas entre as vítimas da Telefônica — os que são assinantes e os que desejam sê-lo, mas não podem —, como também entre as forças nacionalistas. Nas fábricas, escritórios, escolas, bairros, milhares de assinaturas são colhidas em memoriais que assinalam os aspectos negativos do projeto Marchetti e os malefícios de uma reforma pura e simples do contrato (projeto Mayer Filho). Durante os debates que se vêm travando na Câmara a respeito do problema, as galerias apresentam um grande número de pessoas interessadas na marcha da questão, notadamente líderes sindicais, estudantes e populares. A presença destas pessoas, apoiando e estimulando os vereadores nacionalistas tem exercido sua influência no sentido de fazer valer os pontos-de-vista que respondem aos interesses na-

## Problemas Da Paz e Do Socialismo

Revista teórica e de informação internacional

Rio de Janeiro 1959

NAS BANCAS E LIVRARIAS BREVEMENTE

# NOTA ECONÔMICA

A revista «Desenvolvimento e Conjuntura», em sua edição correspondente a fevereiro último, apresenta um balanço econômico do ano de 1958. Embora até certo ponto ainda baseado em estimativas, o balanço é rico de informações. Vejamos os dados principais nas esferas da produção, da circulação e das finanças.

Advertindo sobre o caráter precário dos cálculos, sujeitos a posteriores retificações, a revista apresenta um incremento de 9,3% na produção industrial de 1959, contrastando com o incremento de apenas 2,5% verificado em 1957, o mais baixo dos últimos 11 anos, o que veio a ser, como diz a revista, uma «pauca» na industrialização brasileira. Apesar de inúmeras dificuldades, o desenvolvimento industrial parece ter recuperado o ritmo no ano passado, precisamente quando uma crise econômica atingia os Estados Unidos e se refletia, com maior ou menor

gravidade, nos demais países capitalistas avançados. Não se conclua daí, porém, que a indústria brasileira navega num mar de rosas.

Como acentua «Desenvolvimento e Conjuntura», encontram-se em expansão os setores que produzem bens de produção e sobretudo aqueles que constituem indústrias novas, substitutivas de importações. A escassez cambial, com todo o seu cortejo de males, tem este efeito positivo: impõe a implantação de novas indústrias para produzir artigos antes importados. Mas isto, está claro, não deixa de se fazer a custos particularmente onerosos, que recaem sobre a massa consumidora.

Os dados dos inquéritos econômicos do IBGE e do consumo de energia elétrica na área Rio-São Paulo revelam o acenso considerável e até mesmo impetuoso das indústrias de automóveis, siderúrgica, mecânica e de material elétrico. São estas indústrias e mais as extrati-

vas — petróleo, ferro, manganês, etc. — que ultimamente sustentam as taxas de incremento da produção industrial brasileira.

Em contrapartida, acumularam-se, em 1957 e 1958, os sintomas de estagnação daqueles setores que produ-

zem bens de consumo genérico e que representam indústrias há longo tempo implantadas no país: produtos alimentares, têxtil, fumo, calçados, bebidas. A estagnação é já verdadeiro declínio no caso da indústria

de tecidos de algodão. Em outros casos, manifesta-se na marcha oscilante, nos aumentos logo seguidos de recuos. É o que se passa com as indústrias de produtos alimentares e de calçados.

É perfeitamente normal e

## INDÚSTRIA E AGRICULTURA EM 1958

saúdável que a indústria de bens de produção avance em ritmos mais acelerados do que a indústria de bens de consumo, particularmente no Brasil, país que se encontra em processo de industrialização. Mas aqui já se tra-

ta não de um ritmo menor de incremento, mas de uma estagnação que vai se acentuando nos ramos produtores de ritos de consumo genérico. São estes ramos os mais sensíveis aos efeitos da inflação, que deteriora o poder aquisitivo das massas. É visível também que estes mesmos ramos já se chocam com os limites do mercado interno, o qual tem se expandido sob impulso da industrialização e da urbanização, mas continua consideravelmente restringido pela estrutura agrária atrasada.

Passemos à agricultura. O índice físico da sua produção demonstrou em 1959 um crescimento de 5,8% com relação ao ano anterior. Esta percentagem poderia dar motivo a conclusões bastante otimistas, se não fosse o resultado quase exclusivo dos aumentos da produção de produtos alimentícios de exportação (+21,8%), enquanto as culturas destinadas ao mercado interno sofreram redução (-0,9%).

Decresceram em 1958 as colheitas dos seguintes produtos: arroz (-3,8%), milho (-4,9%), feijão (-6,2%), batata doce (-2,1%), batata inglesa (-1,9%), mandioca (-3,9%). Esta queda se deve principalmente a seca do Nordeste, cuja produção de gêneros alimentícios sofreu uma redução de 21%. Iracamente contrabalançada pelos pequenos aumentos de outras regiões. Encontramos, sem dúvida, neste fato uma das causas da alta de preços que se tornou galopante nos últimos meses do ano passado e primeiros do ano corrente.

Ao mesmo tempo em que caíam as colheitas de produtos destinados ao mercado interno, a produção de café aumentava em 22,8% e a de cacau de 9,5%. Ora, se a situação do cacau no mercado internacional é relativamente boa, exatamente o contrário se passa com o café. O aumento de sua produção constituiu outro fator inflacionário, por-

que resulta numa vultosa acumulação de estoques abandonados pelo governo.

De um modo geral a agricultura revelou em 1958 uma tendência desfavorável à economia nacional. Além das fatos citados acima, acrescentemos o seguinte: enquanto aumentou consideravelmente a área cultivada do café — produto em crise, artificialmente sustentado pelos financiamentos do governo —, reduziram-se as áreas cultivadas de produtos indispensáveis ao abastecimento das populações como o feijão, o milho, a mandioca, as batatas doce e inglesa. No caso do arroz, a área cultivada teve aumento muito pequeno, anulado, aliás, pela queda no rendimento por hectare. O trigo, entretanto, revela importante progresso, impossível, por enquanto, de avaliar com exatidão, em virtude das falsificações estatísticas.

No próximo número abordaremos as demais esferas da economia nacional.



# BLAS ROCA RESPONDE A FIGUERES:

**NOTA DA REDAÇÃO** — O ex-presidente de Costa Rica, José Figueres, ficou em evidência há pouco, quando de sua visita a Cuba. Suas posições políticas estavam em contradição flagrante com as de Fidel Castro e seus companheiros. Imediatamente a propaganda da «grande imprensa» e das agências telegráficas americanas elevou Figueres às nuvens como «um eminente democrata». Órgãos sabidamente ligados à alta finança dos Estados Unidos, como «Time» e «Life», tentaram apresentar Figueres como um modelo de democrata para a América Latina. Figueres publicou então um artigo intitulado «Comunismo e Latinoamérica». A esse artigo o dirigente comunista Blas Roca deu, no jornal «Hoy», de Havana, a devida resposta, da qual extraímos aqui os principais trechos.

As teses de Figueres sobre o tema em apreço não são muito originais, embora apresentem a vantagem de estarem colocadas com clareza e franqueza, sem os subterfúgios e os rodeios justificativos de Agramonte, Roca e outros «plattistas» cubanos.

Figueres fala claro e diz: — Nós, latino-americanos, temos que adotar uma linha de pensamento ante a guerra fria.

— Os países latino-americanos não podem desenvolver-se sem ajuda dos Estados Unidos.

— Em troca dessa «ajuda», a América Latina tem que aderir à guerra fria e seguir em toda a linha a

política exterior dos Estados Unidos.

— Em consequência, os governantes e políticos, submetidos aos Estados Unidos devem considerar o comunismo como inimigo.

Desta forma, Figueres coloca a tese do plattismo em função da «ajuda» norte-americana, ou seja, pagar pela independência e a soberania nacional a possível contribuição em dólares dos norte-americanos, sob o pretexto de que tais dólares servirão para o desenvolvimento econômico.

Submissão política em troca de dólares — eis, em última análise, a tese central com que Figueres

# “AJUDA” NORTE-AMERICANA SIGNIFICA ATRASO E REACAO

**Os fatos mostram a falsidade da tese de que os países latino-americanos não podem desenvolver-se sem vender a sua soberania por dólares — Sentimento antiimperialista e não antinorte-americano**



Blas Roca, secretário-geral do P. S. P. de Cuba

justifica o plattismo continental que preconiza.

A América Latina democrática e independente — prossegue Blas Roca — deve relacionar-se estreitamente entre si, criar o latino-americanismo progressista em face do pan-americanismo oficial, burocrático e reacionário, para sustentar uma política exterior de paz, contra a ingerência e a agressão e em defesa dos interesses comuns e do desenvolvimento econômico e social, com independência plena e liberdade verdadeira de nossos países.

A tese de Figueres é de que os países latino-americanos não podem desenvolver-se sem a «ajuda» dos Estados Unidos.

Os fatos desmentem esta tese, demonstra sua falsidade.

A maioria dos países latino-

americanos deve o atraso que sofre no seu desenvolvimento econômico e social, à «ajuda» oficial norte-americana, ao papel negativo desempenhado pelos trustes e monopólios ianques, que pilham as riquezas nacionais de nossos países, que estabelecem situações de privilégio, sugam, em forma de lucros exportados, o capital que poderia ser investido para o desenvolvimento do país e compram e

corrompem governos, favorecendo tiranias.

Os empréstimos norte-americanos a Cuba tiveram tais resultados empobrecedores e reacionários que, desde 1933, se cristalizou em nosso país uma consciência nacional contrária aos empréstimos estrangeiros, tornando impossível a concessão de qualquer deles desde então.

A «ajuda» norte-americana — prossegue Blas Ro-

ca — consiste em comprar os produtos latino-americanos a preços vis e vender-nos artigos norte-americanos a preço de ouro.

A «ajuda» norte-americana consiste em retirar cada ano mais de 600 milhões de pesos de lucros diretos das emprêsas ianques estabelecidas em nossos países, lucros que se exportam, que se subtraem à riqueza nacional, que sendo capital produzido no país não pode ser empregado no fomento da economia nacional.

A «ajuda» norte-americana consiste em esmagar e eliminar a pequena indústria e o artesanato que produzem para o mercado nacional e impor, em lugar deles, suas exportações, seus pós para lavar tecidos e calçados, seus vegetais e sucos enlatados, suas coca-colas, seus óleos para a pele, suas gorduras comestíveis e seus cartões de felicitações com legendas em inglês, suas tiradas cômicas e seus filmes, seus UPIs, APES, USIS, Times, Seleções e Lifes, usados na propaganda difamadora de nossos povos.

Não se confunde o povo norte-americano nem os Estados Unidos como país, com a atuação dos imperialistas ianques, dos administradores e gerentes das companhias que consideram os «ativos» gente corrupta e preguiçosa, que deve ser tratada a pontapés, administradores e gerentes que se consideram a si mesmos acima dos governantes e autoridades destas «repúblicas atrasadas» em que atuam, embaixadores e jornalistas que se consideram autorizados a insultar nossos países para julgar e decidir sobre toda a sua vida e para ensinar a nossos governantes o que devem fazer, como devem comportar-se, quando devem fazer a barba, etc.

E a atitude conseqüente em face desta compreensão não é nem de adulação para «obter favores» que se pagam demasiado caros, nem de insultos, mas de justa e vigorosa luta antiimperialista, nacional-libertadora.

Os revolucionários burgueses e pequeno-burgueses, os democratas e patriotas de todas as classes sociais vêem no comunismo não o inimigo que os imperialistas exigem que vejam, mas o amigo, o colaborador eficaz, a força que apóia e ajuda, que anima e impulsiona, que une e consolida, que define e precisa objetivos ao movimento pela plena libertação nacional, pela reforma agrária, a industrialização e a independência econômica e o progresso social, pela democracia e a paz.

E isto se afirmará cada dia mais, apesar das mentalidades plattistas e das propagandas interessadas de Muñoz Marin e Figueres, a capitulação de Frondizi, a entrega de Betancourt.

Comunistas e não comunistas se unirão no presente e no futuro, como já se uniram no passado, para levar avante a grande batalha por uma América Latina Livre, Independente, Progressista, Democrática e Pacífica. Comunistas e não comunistas se unirão em cada um de nossos países, como já se uniram em muitos, para defender a soberania nacional e promover a independência econômica, a reforma agrária, a industrialização, o progresso social, a democracia e a paz.

E isto o que exige a situação.

E isto o que exigem o processo histórico e o futuro de nossos povos.

★

(Plattistas — adeptos da emenda Platt, pelo qual a soberania de Cuba ficava limitada de acordo com os interesses dos Estados Unidos).

# A SOLUÇÃO SOCIALISTA DO PROBLEMA JUDEU

BERT RAMELSON

**NOTA DA REDAÇÃO** — Damos a seguir o trecho final de um artigo de Bert Ramelson aparecido na revista «Marxism Today» de janeiro de 1959.

Antes da guerra-fria, ninguém ousava negar o fato de que o estabelecimento da dominação da classe operária na União Soviética havia conseguido, em relativamente pouco tempo, eliminar o anti-semitismo no país onde ele era mais disseminado.

Essa fato produziu um tremendo impacto nos judeus em toda a mundo. Era geral a simpatia pela União Soviética e a tendência dominante entre os trabalhadores judeus e muitas pessoas da classe média era de que o socialismo constituía a solução final para o problema judeu. O sionismo procurou contradizê-lo com uma inessante campanha anti-soviética, mas com pouco sucesso.

O advento da guerra-fria, entretanto, e as revelações de que entre as vítimas das grosseiras violações da democracia e da legalidade socialista na União Soviética, de 1918 a 1953, havia muitos líderes da vida cultural judaica, e de que haviam sido tomadas medidas administrativas em 1948 para fechar instituições culturais judaicas, foram últimas oportunidades, usadas insensivelmente por sionistas e elementos judeus anti-soviéticos, para espalhar as mais vis calúnias sobre o sionismo e a situação dos judeus na URSS. A mentira mais ultrajante era de que grassava o anti-semitismo.

O objetivo dessas campanhas era claro — afastar a classe trabalhadora judaica da luta pelo socialismo no país onde vive — e levá-la a aceitar o sionismo. Essa campanha, auxiliada e incitada por renegados e elementos revisionistas, teve grande sucesso.

Entretanto, uma mentira tão ultrajante, sem nenhuma base nos fatos, não podia ser mantida durante muito tempo — assim como teve de ser abandonada o invento da nacionalização das universidades da União Soviética na década de 20.

A declaração de Nahum Goldmann, em discurso de tribuna em julho último, tor-nou bem claro que o anti-semitismo não existia como fenômeno digno de nota na vida soviética.

Encorajada a dificuldade em manter a calúnia, seus autores, voltam agora seus esforços para a problemática da vida e cultura judaica na União Soviética.

Pode haver margem para contravenção quanto à aplicação concreta dos princípios marxistas numa dada situação; há mesmo margem de contravenção quando se trata de saber quais são os princípios marxistas adotados; mas não pode haver qual-

quer discussão séria a não ser com base em fatos reais. Alguns deles são:

1) O iídiche desenvolveu-se durante séculos como idioma pátrio dos judeus na Europa Oriental. Centralizada a perseguição aos judeus e sua segregação forçada nos guetos. Esse isolamento compulsório criou um meio de vida, uma tradição e um comportamento comuns, que, por sua vez, deram origem a uma cultura iídiche específica, cuja essência retratava a vida na gueto e um sentimento de revolta contra condições intoleráveis.

2) Onde quer que fossem derrotados, as parades da guerra — como na Europa Ocidental e na América — o iídiche deixava de se de-

Socialista, quando o iídiche ainda era a língua matã e as experiências da guerra ainda estavam frescas nas mentes dos judeus. Estes tiveram todas as facilidades, na União Soviética, para desenvolver a cultura iídiche. Libertos dos grilhões do tsarismo, lançaram mão prontamente das novas oportunidades e a cultura iídiche floresceu. Isso ocorreu não só inicialmente na União Soviética, como está acontecendo, agora, nas democracias populares.

3) Com o desenvolvimento do socialismo e a completa emancipação dos judeus, as condições e condições do gozo de ser uma língua viva e a base para uma cultura específica, expressando

evidente, na superfície da vida judaica, e principalmente porque nos a geração assua vive sob o tremendo impacto de duas grandes experiências psicológicas: o período nazista com a exterminação de um terço de nosso povo, e a luta heroica da qual resultou a formação do Estado de Israel. Essas duas experiências esmagadoras reavivaram e revitalizaram a consciência judaica de milhões de judeus. A experiência nazista criou profundos sentimentos de culpa e de responsabilidade; a experiência de Israel, profundas emoções de orgulho e fidelidade por ser judeu. Essas experiências, entretanto, que determinam a estrutura psicológica da geração adulta, estão perdendo sua significação para nós, e sem sombra de dúvida, para a jovem geração que quer a tragédia nazista será apenas uma lembrança histórica e a existência do Estado de Israel uma questão de tal obvia. Quanto mais desaparecem as impressões dessas duas experiências revolucionárias de nossa geração, tanto menor número de barreiras existirá para a sobrevivência judaica. Se nada for feito e continuar a situação atual o processo de assimilação silenciosa continuará, destruindo as raízes de nossa existência e minando os alicerces de nossa sobrevivência.

4) Grandes concentrações de judeus vivem nas cidades e vilas limitadas da União Soviética, procuradas pelos agressores nazistas logo no começo da última guerra. O ato humano da União Soviética dando prioridade de evacuação para os judeus salvou milhares de vidas em campos de gás. Isso significou, entretanto, o estabelecimento de comunidades concentradas e um aceleramento do processo de integração.

5) Trabalhos culturais e literários judeus foram postos no plano de todo o povo soviético por meio da publicação de grandes edições traduzidas para o russo.

6) Em 1948, durante o período da violação da democracia e da legalidade soviética, foram tomadas medidas administrativas que levaram à cessação das edições em iídiche e ao fechamento do Teatro Iídiche do Estado. A justificativa para tal medida foi de que não havia cliente, o suficiente que justificasse esses empreendimentos.

7) Desde então, tem havido certa evolução na retificação geral dos erros do passado. Concertos, numéros e com grande público, dados por artistas judeus com repertórios judeus, estão sendo realizados na União Soviética. Aparecem algumas publicações parte em iídiche, parte em russo. O Camarada Danilov, ministro da Cultura e deputado no Soviet, disse a uma delegação de judeus franceses, chefiada pelo sr. Vilner, editor do semanário franco-iídiche «Presse Nouvelle», que essa



Os grandes problemas do povo judeu, em Israel, permanecem insolúveis. A formação de um Estado atrelado aos interesses dos imperialistas não corresponde ao sonho dos milhões de judeus espalhados pelo mundo. Milhares que procuraram a «terra prometida» voltaram aos países de origem, decepcionados. Encontram lá, ao lado da ausência de liberdades, da discriminação mais adocada entre árabes e judeus, a exploração e a miséria

uma vida judaica específica que não existe se desmolda rapidamente. Os trechos seguintes tirados do discurso do dr. Nahum Goldmann em Genebra, em julho último, mostram que ele admite a existência desse processo inevitável:

«O desaparecimento da forma brutal do anti-semitismo e o bem-estar político e econômico da maioria das comunidades judaicas, deu origem a um sistema de desintegração e assimilação anárquica que põe em perigo a base de nossa existência na dispersão. Se isso não se tornar

uma vida judaica específica que não existe se desmolda rapidamente. Os trechos seguintes tirados do discurso do dr. Nahum Goldmann em Genebra, em julho último, mostram que ele admite a existência desse processo inevitável:

«O desaparecimento da forma brutal do anti-semitismo e o bem-estar político e econômico da maioria das comunidades judaicas, deu origem a um sistema de desintegração e assimilação anárquica que põe em perigo a base de nossa existência na dispersão. Se isso não se tornar

uma vida judaica específica que não existe se desmolda rapidamente. Os trechos seguintes tirados do discurso do dr. Nahum Goldmann em Genebra, em julho último, mostram que ele admite a existência desse processo inevitável:

«O desaparecimento da forma brutal do anti-semitismo e o bem-estar político e econômico da maioria das comunidades judaicas, deu origem a um sistema de desintegração e assimilação anárquica que põe em perigo a base de nossa existência na dispersão. Se isso não se tornar

sendo discutida a questão do reinício das edições em iídiche.

A concepção marxista da cultura nacional é de não apenas permitir, como também facilitar por todos os meios possíveis, o fomento e o desenvolvimento de todas as culturas nacionais. Nem o custo financeiro nem o pequeno tamanho da população de uma nacionalidade podem ser considerados obstáculos sérios à aplicação deste princípio: toda nação, pequena ou grande, tem o direito absoluto ao mais amplo desenvolvimento, tanto cultural como econômico. Até hoje ninguém negou o fato de que essa tem sido e é a política soviética.

A confissão surge, entretanto, quando encontramos a cultura iídiche como uma cultura nacional, no mesmo sentido que as outras culturas nacionais. Mas, como vimos, os judeus não são uma nação, e o iídiche, por conseguinte, não pode ser tratado como uma cultura nacional.

A experiência mostra que a emancipação de uma nação oprimida leva a um certo desenvolvimento de sua cultura nacional, no passo que mesmo uma relativa tolerância para com os judeus acarreta a desintegração da cultura judaica.

A questão é: sob quais se os marxistas devem tentar, por meios artificiais, retardar esse processo histórico natural — que muitos judeus podem ardentemente desejar — de completa integração cultural.

Acreditado que os princípios gerais marxistas aplicáveis a nações e culturas nacionais não se relacionam com a cultura iídiche, por não ser esta uma cultura nacional e por ser, por sua própria natureza transitória. Meu ponto-de-vista é que nada deve ser feito nem para prolongar artificialmente, nem para acelerar o processo natural de seu desaparecimento.

As medidas administrativas soviéticas de 1948 que fecharam as instituições e organizações culturais judaicas no processo da luta contra a intervenção estrangeira e a contra-revolução, estavam ligadas às medidas administrativas tomadas naquele período. Embora seu propósito fosse político e não pretendesse tocar a questão cultural em si, o efeito foi o de fechamento brusco e artificial de tais instituições, ao invés de deixar que o processo natural de desenvolvimento se resolvesse o problema.

Se a situação pode ser corrigida com a restauração do Teatro Iídiche do Estado e a abertura das editoras iídiches, não é uma questão de princípio, que só pode ser decidida à base da situação real, que não está em condições de avaliar.

Os fatos a serem verificados te o soviético é o único que poderá avaliá-los) é se — após 10 anos de liberdade e igualdade em todas as esferas da vida a ausência de uma imprensa e um teatro iídiches na última década (embora devido a uma decisão incorreta) e a dispersão dos judeus por toda a União Soviética durante a guerra — ainda restem na União Soviética número suficiente de judeus que falam, escrevem e lêem o iídiche e sentem necessidade de expressar-se nessa língua.

Todos os acontecimentos recentes indicam que quando for tomada, finalmente, uma decisão sobre essa questão, será baseada nesse modo de encarar o problema.





### GOVERNO NACIONALISTA E DEMOCRÁTICO

Resumo do livro "Antônio Pacheco e José Lillo (Aranjuna) - SP"

A formação de um governo nacionalista e democrático é uma reafirmação fundamental de todas as forças patrióticas e progressistas do país.

Do ponto de vista de sua composição, o governo nacionalista e democrático deverá ser uma expressão das forças que compõem a frente única antimperialista e democrática.

Quanto aos seus objetivos, o governo nacionalista e democrático será aquele capaz de realizar uma política de desenvolvimento independente e progressista da economia nacional.

A conquista de um governo desse tipo pode ser alcançada nos quadros do regime vigente, já que não se trata de um governo que se proponha a realizar transformações revolucionárias radicais.

Um governo nacionalista e democrático dependente fundamentalmente de apoios das forças imperialistas que alijam a pressão das massas, será maior ou menor a radicalização do governo.

A existência de um governo nacionalista e democrático abre caminho para uma nova contagem de forças no país que possibilite completar as transformações revolucionárias exigidas pelo desenvolvimento econômico e social de nosso país.

# Preguiça De Pensar: COLCHÃO DE PLUMAS DO DOGMATISMO

OTTO KUUSINEN



Otto Kuusinen

O Kuusinen, membro do Presidium e secretário do Comitê Central do Partido Comunista da União Soviética, pronunciou, numa das sessões do XXI Congresso, um discurso de cujo resumo, divulgado pela revista "URSS", extrairmos os seguintes trechos:

Caracterizámos a situação económica nos países capitalistas. O Kuusinen destacou as dificuldades económicas do capitalismo contemporâneo. Analisando que as condições mais modernas da técnica descobriam as possibilidades de um progresso momentâneo da técnica, indicou que os países capitalistas não podem utilizar plenamente essas conquistas.

Seria no outro lado há bastante tempo e sem êxito com o problema da superprodução. Os monopólios capitalistas, estão interessados não no aumento da produção, mas, unicamente, na elevação dos preços e na obtenção de lucros.

Hoje está particularmente

evidente, assinalou Kuusinen, como resultaram infundadas as afirmações dos teóricos reformistas no sentido de que o capitalismo contemporâneo tinha entrado em uma etapa de desenvolvimento sem crise. O capitalismo não se libertou das convulsões das crises.

Defendesse a iniciativa internacional do Plano

Sistem, disse Kuusinen que os êxitos económicos da União Soviética há antes exerceram uma seria influência sobre a situação internacional, sobre o encaminhamento das forças da paz e do progresso. O cumprimento do Plano Soviético terá nesse sentido consequências de importância particular. O potencial económico dos países do campo socialista aumentará tanto durante o período que alijem os esforços para os países imperialistas, quanto sem esperança.

A linha política do novo Partido da União Soviética, assinalou Kuusinen, se situa na base da unidade do marxismo-leninismo e da unidade da frente de trabalho.

## EXIGIDA A RETIRADA DOS AMERICANOS DO JAPÃO

Uma nota do Presidium do Comitê Central do Partido Comunista da União Soviética, publicada no jornal "Akabets" de Tóquio, a 2 de corrente, defende a posição dos comunistas japoneses ante as próximas eleições.

O Partido da União Soviética, a revista de "Tratado de Segurança" entre o Japão e os Estados Unidos e lutar pela sua demissão. Exige a evasão das forças armadas dos Estados Unidos que se encontram no Japão, assim como a liquidação das bases militares americanas, o restabelecimento da soberania de Okinawa e Oosayama, ocupadas pelos americanos.

Exigida a suspensão das negociações com armas nucleares.

Exigida a declaração do governo americano da política de hostilidade para com a China.

Exigida a retirada da pátria dos curules que se encontram no Japão.

Exigida a melhoria do sistema político e a política de sucesso das liberdades democráticas.

Exigida a complementar os artigos da Constituição referentes à paz e à democracia.

Exigida a defender a educação democrática.

Exigida a melhoria da política de "normalização" e desemprego, reclamando a extensão dos seguros sociais.

Exigida a salaria mínimo de 8 mil yens para todo o país.

Exigida a unidade de todas as forças democráticas e patrióticas, compreendendo o Partido Comunista, pela derrubada do gabinete Kishi e a formação de um governo com base numa frente nacional e democrática.

## É Possível Por Meios Pacíficos Derrubar Franco e Salazar

Em recente declaração conjunta, o Partido Comunista Português e o Partido Comunista da Espanha decidiram estreitar sua colaboração para uma luta mais eficiente e energética contra as ditaduras antipopulares que infestam há tantos anos a península ibérica.

Em um de seus itens, a declaração diz: "As delegações dos dois Partidos concordaram na apreciação do duplo caráter do Pacto Berlim, que não só constitui uma peça da estratégia atlântica, como e ao mesmo tempo, um acordo entre potências, um convênio entre dois ditadores para protegerem mutuamente contra as forças da liberdade que, tanto em Portugal como em Espanha se fortalecem e põem em perigo os regimes fascistas de Franco e Salazar."

Este acordo entre o governo que oprimem ambos os povos determina — se não houverem outras razões — a necessidade de um acordo e de uma cooperação cada vez maiores entre as forças da democracia portuguesa e espanhola.

O Partido Comunista da Espanha e o Partido Comunista Português afirmam a sua decisão de trabalhar pelo restabelecimento das relações entre as forças da oposição anti-salazarista e anti-franquista de ambos os países."

A declaração acrescenta: "Ambos os partidos irmãos consideram

que com a luta unida das massas populares, com a unidade das forças de oposição e possível por fim as ditaduras de Salazar e Franco por meios pacíficos, sem a guerra civil. Os dois partidos mantêm-se firmemente nesta posição, denunciando e destruindo todas as manobras e provocações da ditadura. A via pacífica que ambos os partidos defendem nesta situação não exclui, antes pressupõe, a intensificação da ação e das lutas de massas nas suas mais diversas formas."

São cada vez mais numerosos os trabalhadores e pessoas progressistas de diversos meios sociais que, tanto em Espanha como em Portugal, veem nos comunistas a sua vanguarda consciente e organizada, a força capaz de imprimir uma orientação aceitada, a luta pelas liberdades democráticas, sem desamarar nos momentos de descenso do movimento de massas e sem perder a cabeça nos momentos de auge, quando o vento sopra a seu favor.

Esta confiança das massas nos nossos partidos aumenta ainda mais a nossa responsabilidade, obrigando-nos a melhorar o nosso trabalho político, ideológico e organizativo entre a classe operária, os camponeses e as classes médias da cidade, a consolidar os resultados obtidos e incorporar na ação o máximo de forças, em primeiro lugar o conjunto do proletariado industrial e agrícola."

## HISTÓRIA DO MOVIMENTO OPERÁRIO

(VII)

A experiência histórica ensina que cada crise das sociedades humanas é precedida por um período de desenvolvimento econômico e social. Uma vez vencida, essa crise dá origem a uma nova situação econômica e social.



Karl Marx

ista, sintetizada no lema "Liberdade, Igualdade, Fraternidade".

A teoria revolucionária do proletariado, classe destinada historicamente a transformar a sociedade burguesa em sociedade socialista e comunista, não podia evidentemente surgir a não ser depois que a sociedade burguesa se tivesse definido bem em seus traços característicos fundamentais, depois que se tivesse destacado com nitidez as suas duas classes fundamentais — a bur-

se manifestar o fenômeno mais típico do caráter contraditório e temporário do regime capitalista, a crise de superprodução, fruto da contradição principal do regime: a contradição entre o caráter social da produção e a forma privada, capitalista, de apropriação. A primeira dessas crises ocorreu na Inglaterra em 1826. Tinham, portanto, amadurecido as condições materiais para o surgimento da teoria revolucionária do proletariado, o socialismo científico. Mas como se explica que

— pois a realidade é algo que está em permanente transformação e a teoria superior desta e sempre a revolução, — se poderia ser criada do ponto de vista de classe do proletariado, a classe revolucionária por excelência, que, ao liquidar o capitalismo, liquida para sempre a propriedade privada e a divisão social em classes, abrindo para a sociedade uma era nova, superior, em que os homens, livres de toda exploração e armados dum conceito geral científica, têm a possibilidade de orientar-se conscientemente em todos os domínios de sua vida social.

Foi o concurso dessas circunstâncias que permitiu e determinou que a teoria revolucionária do proletariado fosse do mesmo tempo uma teoria científica, e que essa teoria científica fosse um método e uma concepção abordando a realidade em todos os seus aspectos, isto é, que fosse, afinal, a verdadeira filosofia.

O fundador do socialismo científico foi Carlos Marx. Marx nasceu a 5 de maio de 1818, na cidade alemã de Trèves, na Província Renana. A Alemanha de então se achava atrasada economicamente em relação à Inglaterra e à França, mas na qual a província estava em pleno curso a revolução industrial. Filho de pai advogado, dum família culta e de ideias avançadas, foi nesse ambiente de surto capitalista que Marx cresceu. Ao terminar o ginásio em 1835, escrevia na prova de redação sobre o tema "Reflexões sobre a escolha profissional": "dever consiste em servir à humanidade". Em

seguida, foi estudar Direito na Universidade de Bonn, depois na de Berlim, dedicando-se particularmente ao estudo da filosofia e da história. Em Berlim, Marx aderiu ao grupo dos "hegelianos de esquerda", de tendências revolucionárias. Entre partidários do grande filósofo idealista alemão Hegel, mas contrariamente a seus sucessores ortodoxos, procuravam tirar conclusões progressistas da doutrina do genial filósofo. Aos trinta anos, Marx foi diplomado doutor em filosofia. Em sua tese, sobre os escritos Epicuro e Demócrito, defendia pontos de vista idealistas, mas mostrava grande independência de ideias em relação a Hegel. Formado, pensou a princípio em ser professor na Universidade de Bonn, mas tendo compreendido que na Prússia reacionária não havia lugar na ensino para um jovem progressista, foi em 1842 para Colônia, onde começou a trabalhar como redator da "Gazeta Renana", jornal fundado por elementos da burguesia radical alemã. Com a presença de Marx, e apesar da covardia dos burgueses ante a reação prussiana, o jornal se converteu em pouco tempo num órgão democrático revolucionário. "Marx torna-se redator-chefe e abre luta ardente e audaz contra a opressão social e política reinante na Prússia. Assim, dos primeiros passos do idealismo filosófico para o materialismo. Chega, pela primeira vez, à compreensão do caráter de classe do Estado. Hegel dizia que este é o produto do desenvolvimento da razão e da liberdade. Marx mostrou, ao contrário, em seus artigos, que o Es-

tado prussiano não baseava sua ação naqueles princípios, que esse Estado e suas leis eram a personificação da violência e da arbitrariedade, a serviço dos feudais. O Estado e uma instituição política de classe, que reflete e defende os interesses económicos e políticos da classe dominante. Lancava, assim, o fundamento do conceito materialista do Estado, mais tarde assim formulado: "O Estado é apenas a expressão, em forma concentrada, das necessidades económicas da classe que domina na produção. Marx defende em seus artigos, como democrata revolucionário, os interesses dos trabalhadores alemães. Para melhorar a situação das massas trabalhadoras em outros países, Estuda os lutas dos operários franceses, o movimento cartista. Conhecedor profundo da filosofia clássica alemã, estudia então também profundamente o socialismo utópico e a economia política clássica inglesa. Essas três correntes de conhecimentos constituíram as bases de sua futura teoria revolucionária proletária. A 1.ª de abril de 1843, depois de um período de estadia na Prússia, Marx se muda para Paris, onde defende o jornal, que dirigira Marx a deixar a chefia da redação, o "Gazeta Prussiana". Em junho, Marx responde a carta que foi a sua boa companheira de toda a vida, Jenny von Westphalen, sua amada de infância, filha de uma família de nobres. Em outubro, vai para Paris, onde pensava melhorar poder realizar os planos que lhe encaminhando corpo em sua cabeça

## O SOCIALISMO CIENTÍFICO E OS PRIMEIROS ANOS DA VIDA DE MARX

guesia e o proletariado. Esta situação, nos países que marcharam originariamente a frente do desenvolvimento capitalista, a Inglaterra e a França, somente se criou entre os anos de 1820 e 1840. Uma vista dos nos caracteres anteriores destas notas históricas mostram que foi nesse período que se coroou a dominação da burguesia com a chegada ao poder político de seu setor fundamental, a burguesia industrial. Foi igualmente nesse período que apareceu na arena política como força de classe independente. E' finalmente naquele período que começa a

essa teoria, além de revolucionária, fosse, como o seu nome o diz, científica? As teorias das classes revolucionárias do passado, eram sempre revolucionárias, mas nenhuma delas foi científica. E' que a teoria do proletariado surge num momento da história da humanidade em que se tinha acumulado uma soma imensa de conhecimentos, o mínimo indispensável para permitir ao ser humano a elaboração de uma concepção científica, uma e integral, da realidade em todos os seus aspectos: a natureza, a sociedade e o próprio pensamento. Uma tal concepção, crítica e revolucionária em sua essência,



# CHAPLIN: DE DITADOR A REI - (I)

HÁ exatamente 70 anos (16 de abril de 1889) abriu seus olhos para o mundo, num humilde bairro londrino, o mais discutido cineasta de todos os tempos: Charles Spencer Chaplin.

GENNYSON AZEVEDO

A infância de Charles é miserável como a de outros milhares de crianças deste bairro proletário que é Kennington. O pai alcoólatra, antigo ator de "music-hall", morre quando o garoto tem apenas 5 anos. Sua mãe fora cantora mas a pobreza e a viuvez transformam-na em humilde costureira, cedo iria parar num hospital de alienados... O jovem Chaplin cresce e logo começa a trabalhar em pequenos papéis no "music-hall" até ser contratado pela companhia de pantomimas de Fred Karno onde alcançará o estrelato e, posteriormente, excursionando aos Estados Unidos deparar-se-lhe-á a oportunidade de fazer seus primeiros filmes.

O quadro de sua infância aproveitou-o o artista para impregnar toda a sua obra.

Desde as primeiras fitas curtas o mundo do vagabundo Carlitos está povoado pelos espectros perseguidores dos humildes: o desemprego, a intolerância, a fome e a falta de moradia, trágico por natureza, quando o vagabundo mistura-se com os ricos é destes que o cineasta caça. Já que não pode resolver os graves problemas humanos, contenta-se em mostrá-los mantendo sempre um sadio otimismo. Chaplin acredita sinceramente no poder do riso e das grimas. O vagabundo deverá levar-nos da emoção à hilaridade despertando em cada um de nós sentimentos adormecidos como a solidão, ternura, generosidade, confiança. Esta é a constante da obra inicial do genial ator. Aos poucos, porém, o artista amadurecido e consciente adiciona a sátira

feroz, agredindo violentamente a hipocrisia, verbeteando a desordem social que nega trabalho aos operários, amaldiçoando a guerra consuetudinária da fortuna dos magnatas, ridicularizando os ditadores e os inquisidores. "Pari-passu" revela-se o romântico alcançando com o extraordinário Luzes da Cidade a grandiosidade lírica já esboçada em Em Busca do Ouro.

## O DITADOR E O ASSASSINO VERDOUX

EM 1914 quando nasceu o tipo fabuloso de Carlitos o cinema dava os primeiros e mais sérios passos no caminho da arte, mas o dia em que o som viria uniu-se as imagens estava ainda muito longe. Seriam precisos quase 20 anos para isto tornar-se realidade. Assim mesmo os primórdios do som são tão ridículos que grandes cineastas como René Clair e Eisenstein recusam-se a fazer filmes falados. Chaplin também nega-se a utilizar a palavra em suas produções, limitando-se em Luzes da Cidade e Tempos Modernos a escrever uma partitura musical para compor a banda sonora.

Em 1929 ao empreender a realização de O Grande Ditador resolve sair de seu mulsismo. A mentalidade do espectador cinematográfico evoluiu bastante, as novas gerações já não compreendem o cinema mudo. A mensagem de O Grande Ditador tinha de ser bem expli-

ta e nada melhor para isso do que a palavra. Chaplin vive dois personagens extremos — o barbeiro judeu e o ditador Hyndke — exprimindo suas convicções democráticas e pacifistas de maneira audaciosa, como no celebre discurso final do qual transcrevemos este breve período:

"Gostaria de ajudar todo, se fosse possível, os cristãos como os judeus, os negros como os brancos..."

Depois destas palavras ataca ferozmente os ditadores e faz um patético apelo: "Soldados vos não souz ganoo. Vos sois homens. Trazeis o amor da humanidade em vossos coações. Não sois amados sentem odio. Os que não são amados e os atormentados... Soldados! Não combateis pela escravidão! Combatei pela liberdade!"

Concluindo por um convite à união dos homens por melhores dias e uma invocação lírica à mulher amada. O Grande Ditador alcançou enorme sucesso junto ao grande público, o artista compreende a importância do som e não mais o desprezará.

Sete anos após a estreia de O Grande Ditador será lançado o segundo filme falado de Charles Chaplin. Desta vez a figura legendária de Carlitos será definitivamente posta de lado, mas não a sutileza, o destemor que continuam a colorir sua vasta obra.

## CHAPLIN DE DITADOR A REI

Monsieur Verdoux, no contrário de toda a obra de



CHAPLIN, pela primeira vez, em O GRANDE DITADOR, usa a palavra, trazendo uma mensagem humana em uma das melhores sátiras que o cinema já produziu.

Chaplin, é um filme amargo apesar de uma série de "gags" fafrenéticas contagem das réculas ou o ritmo das viagens marcado pelo avançar das rodas da locomotiva cada vez mais lentamente). Falta-lhe o otimismo, falta-lhe o patético romantismo de obras anteriores, sobre-lhe ironia e veemência. Virulentamente o sutil, frio, elegante, cínico e audacioso Verdoux, assassino de ricas baiaqueanas, investe contra a sociedade que o gerou. A falta de escrúpulos do assassino Verdoux inspira-se no descaramento dos homens

enriquecidos por duas guerras mundiais à custa do sangue dos povos. Chaplin declara-o sem meias palavras diante do tribunal após a condenação do matador de velhas milionárias: "Se matamos uma pessoa só, somos assassinos. Se matamos milhões de homens, festejam-nos como heróis. Felicitam os que inventam bombas para massacrar milhões e crianças. Só se consegue ter êxito neste mundo fazendo as coisas em grande escala".

Monsieur Verdoux termina com seu herói encaminhandose para a guilhotina. Final bem diferente do que nos habituara em suas comédias curtas ou em fitas como Em Busca do Ouro, Tempos Modernos, O Garoto ou O Grande Ditador. O desentee patético explica-se. Charles Chaplin concebera e realizou o filme quando o mundo tinha início a chamada "guerra fria" inquietando toda gente com a possibilidade de transformar-se em "guerra quente". A angústia do autor traduzia as apreensões dos homens de boa vontade em todos os quadrantes do globo.

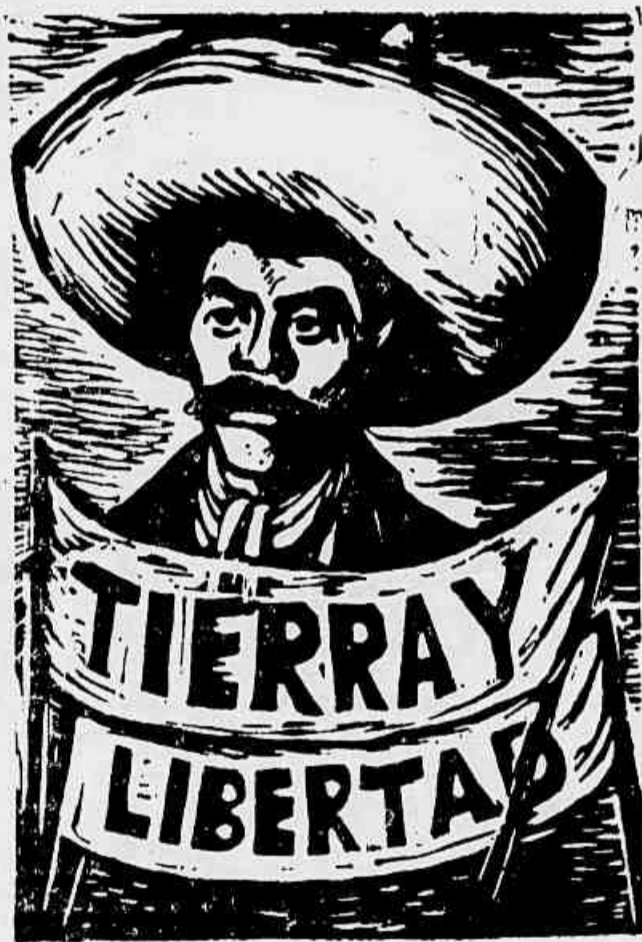
## FEIRA DO LIVRO

Sob o patrocínio da Associação Brasileira do Livro e com a colaboração da Biblioteca Municipal do Distrito Federal, será inaugurada amanhã, dia 18, às 16 horas, na Cinelândia, a IV Feira Municipal do Livro.

# QUATRO GRAVURAS EM MADEIRA DE LEOPOLDO MENDEZ



DESEMPREGADO



CAMPONÊS



ENCHENTE



MONOPÓLIO

## NOTAS SOBRE LIVROS

ASTROJILDO PÉLIRA

### 'AINDA O PADRE CARAPUCEIRO'

O livro de Amaro Quintas — O PADRE LOPES GAMA POLITICO está construído com os materiais que o autor colheu diretamente — e pacientemente — na vasta produção jornalística do famoso polemista. É um trabalho de pesquisa em primeira mão e de excelente exposição histórica da atividade política do extraordinário publicista que foi Lopes Gama. Através de suas páginas, podemos acompanhar, passo a passo, a trajetória de um homem de imprensa que utilizava o jornal não apenas como veículo de agitação mas também como instrumento de doutrinação política e crítica social. E tudo realizado com bom humor, a insuperável bom humor que era um elemento componente da sua combatividade.

O bom humor, o espírito jovial, a verve inextinguível, que eram características inatas de Lopes Gama, conferiam-lhe absoluta superioridade em relação aos seus encarniçados adversários. Enquanto estes últimos, perdendo a compostura, descambavam facilmente na truculência verbal, na verrina caluniosa, no insulto e na injúria, o Padre Carapuceiro manobrava com mão certa a arma do riso, da galhofa e da ironia, levando de vintada os mais desabusados contendores. Ninguém podia com ele.

Mas a par da feição polémica, as suas fôlhas exprimiam um pensamento político definido, liberal, democrático, avançando às vezes até posições extremadas. Ainda hoje algumas de suas opiniões nos surpreendem, conforme salienta Amaro Quintas.

O Padre Lopes Gama não escapava, naturalmente, ao jogo de contradições e incertezas, que decorria, por um lado, das condições políticas e sociais do meio, e, por outro lado, da sua própria formação intelectual; mas, dentro desse quadro, geral, não há dúvida que ele avançou muito, sobretudo tendo-se em vista a sua condição de sacerdote, e mesmo quando o cotejamos com outros padres revolucionários da época.

A documentação de que se serve Amaro Quintas a esse respeito é extremamente significativa, como se poderá avaliar pelas amostras que se seguem.

Em artigo datado de 1845 — repare-se bem nesta data: 1845 — Lopes Gama perfilhava a concepção da formação histórica das classes sociais e das lutas de classe, escrevendo:

"Em todos os países, e em todas as épocas, essas classes privilegiadas, ciúdas das vantagens que possuíam, desveladas por estendê-las todas às vezes que julgaram oportuno o ensejo, já por egoísmo, já por orgulho, e cubia sempre procuraram manter-se em um poder discricionário, e por isso sempre se constituíram em guerra permanente com os povos por elas deserdados e oprimidos. Isso era dito a propósito das lutas populares e liberais. Coa eprateiros pernambucanos contra a oligarquia conservadora e reacionária que dominava a Província. Escorrendo-se em exemplos da história universal, Lopes Gama prosseguiu:

"Todas as páginas da História oferecem-nos exemplos desta verdade. Tal foi em Roma a luta dos plebeus e dos patrícios; tal na Revolução Francesa a

dos comuns nascentes contra o feudalismo; e ainda hoje, pode-se dizer, que é a grande questão de todo o mundo civilizado.

É à luz dessa concepção que o publicista caracteriza a situação pernambucana de então:

"Posterguemos nomes que não fazem ao caso; atentemos para as coisas, e conheceremos que os regressistas, os reorganizadores, os ordeiros de agora, são ou querem ser os patrícios de Roma, ou os Senhores Feudais da meia idade. Como estes, aqueles propugnam, não pelas invariáveis leis da vida social, senão por formas variáveis de organização enfeudadas do tempo, destruídas na razão e consciência pública... E será justo que alguns membros da comunidade absorvam à custa dos demais as vantagens reais, atribuam-se direitos, que depegam aos restantes dos eldícios assim atribuídos para a condição de um cativo real, e concentrem em suas mãos ambiciosas o monopólio do poder e da riqueza? O povo excluído de fato de todo o direito político, privado de toda a influência legal em a decisão dos negócios comuns, e dos que mais imediatamente o interessam, deverá ficar nesse estado de abatimento e de torpor, e carregará com todos os ônus da sociedade, sem outra compensação mais, do que a miséria, a nuza, e a fome?"

Noutro artigo do mesmo ano de 1845, e desta vez com o título mui significativo de «Melhoramento da sorte das classes industriais», o articulista, depois de se referir a alguns utopistas do passado, acrescenta textualmente que — em nossos dias três homens distintos têm tentado o melhoramento das classes laboriosas, mediante a reforma da sociedade em geral: St. Simon, Fourier e Owen.

Esta passagem nos mostra que a propagação do fourierista Vauthier, o engenheiro francês, contratado então pelo governo de Pernambuco para a execução de obras públicas no Recife, conquistava adeptos até na clero. Que semelhante adesão do Padre Lopes Gama não era coisa apenas de superfície, é o que podemos deduzir das seguintes palavras:

"Com a escola socialista eu reconheço, que um vício radical deteriora todas as associações humanas... Reconhecia ainda o articulista que a humanidade marchava para o socialismo, embora sua concepção do socialismo, estivesse ainda elvada de vagas intuições; mas compreendi perfeitamente que se tratava de um avanço democrático e progressista inelutável, e que o regresso é repugnante ao gênero humano de sua natureza progressiva.

Por essas breves amostras já se vê que não era à-tôa que os psuquicelros a serviço da reação conservadora — interessada em conservar o regime da escravidão — se assanhavam furiosamente contra o Padre Carapuceiro. Por semelhantes razões, o nome de Lopes Gama tem sido relegado ao esquecimento. Em boa hora empreendeu o historiador Amaro Quintas o trabalho de o reviver, dando-lhe relevo a sua notável figura de combatente da democracia e do progresso.



# 9 DIAS DE PRESTES NO RIO GRANDE DO SUL UMA PALAVRA DE UNIDADE REPETIDA EM TÔDA PARTE



Visita ao Prefeito de Santa Maria



Mais de 500 pessoas participaram do churrasco oferecido a Prestes em Caxias, apesar da chuva intensa que desabou sobre a cidade e dificultou o acesso de outras centenas de pessoas ao campo do Clube Juventus

PORTO ALEGRE, abril, (Do enviado especial) — Saio daqui com ânimo ainda mais elevado, com mais confiança no futuro de nossa pátria, nas vitórias que nosso povo há de alcançar dentro de breve tempo — afirmou Luiz Carlos Prestes no churrasco que seus amigos de Porto Alegre lhe ofereceram, ao despedir-se de uma visita de nove dias ao Estado, na qual, além da Capital, visitou também São Leopoldo, Caxias, Santa Maria, Santo Angelo, Caturpe, Tenente Portela, às margens do Rio Pardo, no extremo noroeste, e as minas de Butiá. E continuou, incisivo:

— Cabe hoje mais uma vez ao Rio Grande do Sul o papel de vanguarda nas lutas do povo brasileiro. Uma série de fatores contribuem para que se tornem mais sensíveis neste Estado as consequências nefastas da política econômica e financeira do atual governo federal. Sentem-no os operários e os camponeses, os empregados e funcionários mais modestos, que sofrem em primeiro plano com a carestia. Sentem-no os intelectuais, os estudantes, os homens de profissão liberal. E sentem-no também os industriais, os produtores de arroz e de trigo, os criadores de gado, os que se dedicam ao transporte e ao comércio, todo o povo, enfim.

## Frente única

E, nessa festa alegre em que centenas de porto-alegrenses regozijavam-se com a presença de Prestes, o dirigente dos comunistas apelava ainda uma vez à unidade. Em palavras claras e concisas — foi um dos mais curtos dos vinte e tantos discursos que pronunciou naquelas nove dias — explicou porque era agora maior a responsabilidade do Rio Grande do Sul no desenvolvimento das lutas emancipadoras do nosso povo.

— Quem vos fala é um comunista. E' nesta qualidade que me dirijo a todos os brasileiros e, neste momento, de maneira muito particular, a meus co-estaduanos. Mas lutam contra uma situação que a todos aflije não apenas os comunistas e os não comunistas, como ate os anticomunistas. De nossa

parte, a todos estendemos a mão, a todos conclamamos: Nnamo-nos! Unidos expulsaremos os exploradores estrangeiros. E' esse exatamente o sentido do telegrama que passei ao governador Leonel Brizzola, assim que cheguei ao Rio Grande e tomei conhecimento da firme posição por ele assumida no Rio em defesa dos produtores de arroz e contra a política econômica e financeira do governo federal. Trata-se de um dos anticomunistas a que me referi. Apoiamo-lo nas eleições mesmo contra sua vontade e sem que muitos dos nossos amigos compreendessem nossa atitude. Continuamos dispostos a apoiá-lo integralmente na medida em que prosseja na luta efetiva contra a nefasta política econômica e financeira do governo federal.

## Visitas, homenagens e contactos políticos

Esse espírito de busca da unidade e as mais vivas manifestações de fraternidade marcaram, profundamente, toda a estada de Prestes no Rio Grande do Sul. O episódio da visita ao túmulo do dirigente nacional-libertador Aparício Cora de Almeida, foi dos mais emocionantes a

### O general Flôres da Cunha quer saber coisas de Filinto Müller — Sob uma chuva de pétalas e saudado em versos pelo mineiro de Butiá — Apoio às medidas do governador Brizzola — As modificações no governo federal

que assistimos. Era o aniversário de sua morte e Prestes fez questão de prestar-lhe uma homenagem. Aí chegados, encontramos casualmente seus velhos pais. As palavras com que destacou a importância das lutas de 35, emocionaram-nos a todos.

A visita ao veterano general Flôres da Cunha, que se restabelece, ainda de longa enfermidade, deu lugar a uma amistosa troca de opiniões e a uma fraternal comemoração de episódios do passado, passado em que os dois se encontraram tantas vezes em pólos opostos. Flôres da Cunha — o presidente da Câmara dos Deputados no 11 de Novembro, que prestigiou integralmente a patriótica atitude do exército — não pode compreender como se encontra hoje na vice-presidência do Senado o sr. Filinto Müller, e pede detalhes sobre a ordem do dia em que foi dado ao desertor e ladrão, Prestes esclarece que o original desse documento, assinado pelo general Miguel Costa, está bem guardado. E vêm à baila outros acontecimentos, ligados à escandalosa proteção dispensada pela polícia do sr. Filinto Müller aos espíões nazistas, em 1941 e 1942. Conta-se, mesmo, a história do telegrama com que um desses agentes respondeu aos conselhos de cautela, vindos de Berlim: «Não vos preocupéis. Estamos bem protegidos».

A conversa salta para os problemas do momento. O general Flôres da Cunha e um ardente partidário da candidatura do sr. Osvaldo Aranha, cujas posições em defesa dos interesses nacionais e por uma política ex-

terna independente apoia integralmente. Mas está também disposto a bater-se por outro nome que reúna em torno de si as forças nacionalistas.

Também nas palestras com os homens mais ligados ao

praça pública — \$0,30 — obrigou a transferência desse encontro com o povo para às 21,30, no Cine Imperial. E apesar dessa transferência de última hora, apesar do mau tempo e apesar do aparato policial, não apenas os 1.600 lu-



Velhos companheiros da Coluna cercam Prestes logo que desembarca em Santo Angelo

governo do Estado ou com aqueles que, opondo-se ao governo, desejam também defender as liberdades e os interesses nacionais, o tema da frente única, da mútua compreensão, da necessidade de somarem-se os esforços de todos os patriotas é o que predomina.

Mas, não apenas nesses contactos com políticos se trata de unidade. Nas festas que lhe ofereceram, Prestes é saudado por homens de todos os partidos. E' comum ouvir-se oradores proclamarem que, discordando ideologicamente de Prestes, estão de acordo com as medidas por ele preconizadas. Nas minas de Butiá a primeira família que visita é a de um mineiro que, aos 71 anos, exhibe orgulhoso o lenço vermelho de maragato. Seu pai, com 93, relembra cheio de vivacidade lances das batalhas de 1893. E no Salão da Sociedade Gaúcha, onde Prestes entra debaixo de uma chuva de pétalas de flôres, é o presidente do diretório local do Partido Republicano, o mineiro Bernardino Teles Vieira, que o saudou em versos:

“Men poro, vamos saudar  
Com toda satisfação  
Este herói brasileiro  
Que apertou nossa mão  
Que comanda nossa luta  
Sem temer perseguição”.

## Santa Maria: comício, jantar e presentes

A visita a Santa Maria, constituiu um dos pontos mais altos da estada de Prestes em terras gaúchas. Delegações de Livramento, São Luis, São Gabriel, Bagé, Santiago, Cacapava, São Sepé e outras cidades, estavam ali à espera de Prestes, ansiosos por ouvi-lo e falar-lhe. O importante centro ferroviário, — coração de todo o interior do Estado — voltou-se inteiramente para Prestes na 20 horas que ele ali passou.

A chuva intensa que caiu praticamente durante todo o dia e ingressou exatamente na hora para a qual estava marcado o comício na

provocaram tempestades de aplausos.

Foi ali em Santa Maria que, falando a uma população mais ligada ao campo, Prestes voltou a insistir sobre a necessidade de medidas de reforma agrária para solução dos problemas que mais afligem nosso povo:

— São urgentes medidas de reforma agrária. Isso hoje é reconhecido publicamente mesmo por jornais reacionários e políticos das classes dominantes. Até D. Helder Câmara afirma que vai arrancar de nossas mãos a bandeira da reforma agrária.

Pois que o faça! Nem mesmo oporem resistência a isso. Tudo o que nos preocupa e que medidas nesse sentido sejam efetivamente tomadas, por quem quer que seja. Tudo o que nos preocupa é que as torrentes de palavras que têm sido pronunciadas sobre o assunto se transforme em

que desejo remontar a 36 anos atrás, quando o sr. servia em Santo Angelo e eu residia em São Luis. Nessa ocasião convidei-o para padrinho de um filho meu e o sr. aquiesceu ao convite. Mas quiseram os fatos que o capitão, à frente de seus soldados, se retrasse logo da cidade, para dar início à marcha da Coluna Invicta, e meu desejo não pôde ser concretizado. Segui sempre, entretanto, seus passos com o maior interesse e é vivamente emocionado que me sento hoje ao seu lado, na mesma mesa. Nossos pontos de vista políticos não são os mesmos. Mas dentro desta sociedade temos um grupo organizado para a prática do esporte do bóia — o grupo Tiradentes. Ali recebemos elementos de todas as cores políticas, seitas religiosas e tendências filosóficas. Tudo o que nos preocupa é aproximar mais os homens, estreitar corações. Assim desejamos também que se faça em todo o Brasil. O sr. já não é hoje o capitão revolucionário que comandou alguns milhares de homens em 1924, mas o chefe da corrente comunista em nosso país. Eu, sem ser comunista, recebo com grande prazer o ilustre conciliador e defendo com ardor muitos dos patrióticos conceitos pelos quais também o sr. se bate.

## As modificações no Governo

Na véspera da partida de Prestes de Porto Alegre, um antigo político local comentava os rumores, cada vez mais insistentes, de uma remodelação ministerial, com a saída do sr. Lucas Lopes da pasta da Fazenda:

— O Prestes vê as coisas com enorme clareza. Há algumas semanas atrás, a posição do Lucas Lopes parecia ser a mais sólida possível e aparentemente a opinião de Prestes não teria repercussão alguma. Hoje, entretanto, já ninguém dá um vistinho pela cabeça do ministro. Aqui mesmo o governo estadual teve de abrir fogo contra ele. Nossos industriais e nossos lavradores já compreenderam que essa política de restrição de crédito do governo federal e de proteção apenas aos grandes capitalistas estrangeiros não pode continuar. Ainda agora, contra a vontade unânime do Rio Grande do Sul, o governo federal pôde manter o veto ao artigo da nova lei do imposto de renda que protege as empresas estrangeiras que se dedicam à exploração de serviços públicos. Mas isso desperta ainda maiores protestos e oposição. Tudo indica que teremos muito o que fazer nos próximos meses.

## Grupo Tiradentes, em São Leopoldo

A visita a São Leopoldo foi das mais rápidas feitas por Prestes. Prestes juntou ali com um grupo de amigos, no Clube Orfeu, presente se encontrava o vice-presidente dessa entidade, sr. Olimpio Albrecht, que pronunciou mais ou menos as seguintes palavras: — “Permita-me, sr. Luiz Carlos Prestes, que lhe trate de capitão Prestes. E' atos concretos, por mais simples que sejam.

## REPULSA TOTAL AOS RACISTAS



Estudantes, trabalhadores e parlamentares cerraram fileiras contra a odiosa discriminação racial imposta pelos colonialistas “afrikaunders” na África do Sul.

Hoje, estarão reunidos na UNE líderes de todas as entidades estudantis, de sindicatos e de várias outras associações para elaborar definitivamente um memorial ao Presidente da República e uma representação à Organização das Nações Unidas. No memorial, será solicitada a rigorosa apuração das responsabilidades dos dirigentes da Portuguesa Santista e a apresentação pela delegação brasileira na ONU de um protesto contra a violação pela África do Sul da Declaração dos Direitos do Homem.

Amanhã, às 17 horas, será realizada uma passeata em frente à legação sul-africana, em que os estudantes conduzirão cartazes denunciando o racismo naquele país.

Na foto, o intelectual Abdias do Nascimento quando expunha, na reunião preparatória, alguns pontos do manifesto do Teatro Experimental do Negro.



A primeira visita feita por Prestes em Butiá foi ao veterano das lutas de 1893, o sr. Liberato Marins, de 98 anos de idade. Seu filho, o mineiro Silvio, de 71 anos é também ardo roso libertador



FAVELA DO ESQUELETO

180 MIL PESSOAS EM LUTA PELA VIDA E CONTRA A PDF

Coluna do estudante

Amãhã, realizará-se na UNE, às 20 horas, um ato público em comemoração ao 4º aniversário da Conferência dos Povos Afro-Asiáticos de Bandung. O professor Boland Corbisier, diretor-executivo do ISEB, pronunciará uma conferência, sendo convidados de honra os embaixadores de países que participaram da quele conláte.

UNIAO DOS ESTUDANTES DA PARAIBA

Em magnífica demonstração de unidade, os estudantes da Paraíba reelegeram toda a diretoria, da UNE daquele Estado. A posse para o novo mandato foi realizada em ambiente festivo, comparecendo diversas autoridades e o secretário geral da UNE, Dalton Barbosa da Cunha.

VAMOS A VIENA!

Primeiros resultados da luta destinada a enviar dos estudantes cariocas ao Festival da Juventude em Viena, as equipes da Nacional de Filosofia e Nacional de Direito estão lideradas a competição, sendo Paffel, Chico Nelson, Alvaro e Flavio os primeiros fortes candidatos a viagem maravilhosa de DC-7C!

Ameaça de despejo com a passagem da Avenida Radial — Progresso significa mais miséria? — Dois anos de acúmulo de lixo — A verminose é quase pior do que a Prefeitura — Para o Hospital Jesus a burocracia é mais importante do que a vida

Reportagem de ANA MONTENEGRO

Na Favela do Esqueleto, de onde se avista a imponente construção do Estádio Municipal, numa faixa de terra que vai da Rua Turfe Clube à Rua Oito de Dezembro, se apertam cerca de 30.000 barracos, abrigando perto de 180.000 pessoas. Embora seja uma das maiores concentrações de moradias do tipo favela e em que pesem todos os planos urbanísticos da Prefeitura do Distrito Federal e todas as promessas de vésperas de eleições, a Favela do Esqueleto apresenta precárias e humilhantes condições de habitabilidade. A entrada, pelo lado da Rua Oito de Dezembro, bem em frente à Fábrica de Chapéus Mangueira, numa verdadeira montanha de lixo — fezes e detritos de toda a espécie — as crianças brincam e as mães fazem fila para apANHAR água. Mas é como dizem os moradores, com aquela sabedoria que só a realidade ensina: Ainda temos onde morar!

Vigário Geral — Campo de Concentração

Dizem funcionários da Prefeitura que as pessoas atingidas pela abertura da Avenida serão levadas para Vigário Geral. A medida, porém, do ponto-de-vista social e desumana, é inaceitável por parte dos que estão ameaçados de despejo. Como em todas as favelas, onde a inabitabilidade é, apenas, de 5,5%, no Esqueleto há uma grande concentração de trabalhadores das fábricas da Tijuca e Vila Isabel, das oficinas das redondezas, militares (soldados e cabos), pequenos funcionários, etc. Esses trabalhadores usam, em sua maioria, como transporte o bonde, gastando, apenas, Cr\$ 6.000 diários. De onde vão tirar meios para atender às despesas de um transporte que custaria cinco vezes mais caro, além do desgaste físico? Alguns dos ameaçados de despejo já estiveram em Vigário Geral, onde, tudo indica, a Prefeitura apoiada por outras organizações, chamadas sociais, pretende fazer uma espécie de campo de concentração de favelados, e nos disseram que as condições de moradia são precaríssimas, pois o levantamento dos barracos e feito em terreno pantanosos. Não podem, assim, aceitar essa solução, que é a mais cômoda para a SERPVA. Por outro lado, tem medo de que não sejam cumpridas as promessas relativas ao pagamento da indenização, que, segundo os moradores, poderia ser concedida. Talvez seja essa a situação mais bem aceita pela maioria. Mas quanto lhes daria a PDF? Cinco mil cruzeiros? Há barracos nos quais, durante dezenas de anos, os donos foram entregando parte de seus salários. E' justo perder isso? E quem se instalaria, hoje, com cinco mil cruzei-

ros? Há, ainda, um aspecto, com referência às promessas de indenização, que amedronta mesmo aqueles que concordariam em aceitá-la. É o exemplo recente do Morro de Santo Antônio, onde os primeiros reesberram, realmente, a indenização, mas os últimos, quando acordavam, as escavadoras já estavam à porta, obrigando-os a sair sem indenização e sem destino.

Ouvimos, ainda, as queixas e as apreensões dos pequenos comerciantes: que farão com as suas mercadorias? Onde poderão recomprar o seu melo de vida?

Estão vivendo assim, entre perguntas sobre o dia de amanhã, milhares de pessoas. Pensam que o mais justo seria um acerto entre elas e a Prefeitura, sem intermediários, que procuram, sempre tirar vantagens. Pensam, também, que a Prefeitura deveria dar-lhes um documento legal, um título correspondente à indenização justa e combinada entre as duas partes, para que, de repente, não se vejam no meio da rua com os filhos ao redor, ou jogados, como animais, nos terrenos pantanosos de Vigário Geral. Este é o problema agudo da Favela do Esqueleto, mas existem os problemas crônicos, que têm acompanhado o aparecimento de cada barraco e que tendem a agravar-se à proporção que cresce o aglomerado humano.

O Hospital exige atestado

As crianças da Favela do Esqueleto aparecem aos banhos, nas esquinas de cada ruela, e andam, inocentemente, de pés descalços por dentro dos esgotos, que cortam a favela em todas as direções, como se estivessem ali de propósito, para não deixar morrer os vermes! 95% dos que moram lá sofrem de verminose. E não podia ser de outro modo, se, até agora, não houve a menor preocupação de por em prática uma série de planos sobre a urbanização das favelas. Uma associação local denunciou, há poucos dias, pelos jornais, que há mais de dois anos o lixo não é removido da proximidade das moradias. Os montes de lixo se sucedem em todos os pequenos espaços desocupados, e uma cortina



Dezenas de milhares de crianças como estas, descalças e maltrapilhas, «vivem» na Favela do Esqueleto na mais desumana promiscuidade. Em sua inocência, parecendo alheias à miséria que as cerca, essas crianças riem alegremente para o nosso fotógrafo

de moscas é a única separação entre elas e as crianças, que apresentam todas as características das vítimas de verminose. E o Hospital Jesus, como se o problema não lhes dissesse respeito, fica olhando, de longe, as crianças que não sabem e nem podem defender-se de toda aquela

imundície, que a limpeza pública deixa, criminosamente, acumular. Não existe um único posto médico municipal dentro da favela. E no Hospital Jesus, quando as mães correm aflitas, como os filhos doentes nos braços, ainda recusam atendê-las: «Sem atestado de residência não é possível».

É difícil a um favelado conseguir um atestado de residência. E' para recusar atendimento a uma criança doente e necessitada que a Prefeitura mantém um hospital infantil? Proclamam os órgãos competentes que estão combatendo o mal das chagas e que acabaram com a malária na Baixada Fluminense... Muito bem. Mas não poderiam, sem proclamações, combater a verminose na Favela do Esqueleto, ali, nas vizinhanças de um hospital da PDF, onde as crianças não são atendidas, quando as mães não levam um papulêto comprovando o número do barraco, onde moram tão mal? E quando o barraco não tiver número?

As quase duzentas mil pessoas da Favela do Esqueleto desejam muito pouco: 500 famílias, apenas, a garantia de que poderão morar num lugar decente, e os que ali permanecerem, pequenas medidas sanitárias — manilhamento dos esgotos, remoção periódica do lixo, atendimento médico às suas crianças que um dia contribuirão, como fazem seus pais, para o engrandecimento de uma cidade que não os conhece.

O Movimento Sindical Mundial REVISTA MENSAL Administração: AGOSTINHO DE CARVALHO Rua Evaristo da Veiga n. 16 — Sala 606 Fones: 52-5911 — 42-9119 DISTRITO FEDERAL ASSINATURAS: Parte comum simples: Semestral (6 números) Cr\$ 60,00 Anual (12 números) Cr\$ 110,00 Parte Aéreo: Semestral (6 números) Cr\$ 80,00 Anual (12 números) Cr\$ 140,00

RESPOSTA AO LEITOR

J. A. ALMEIDA (SP) — Sua carta era resposta oportuna e oportuna pelo leitor de cinema

TRES RIOS (Do Correspondente) — O deputado Aurélio Viana pronunciou nesta cidade, no salão da Prefeitura, uma conferência sobre os chamados Acordos de Roboré, apresentando com clareza os argumentos que demonstram a necessidade de

PRESIDENTE PRESTOU CONTAS E PREFEITO RESPONDEU

Em sessão solene, que contou com a presença do prefeito da cidade de Arapongas, no Paraná, foi empossado na presidência da Associação Geral dos Trabalhadores de Arapongas e Sr. José Marinho Filho, eleito para o cargo. Depois de fazer uma exposição das atividades da entidade no ano findo, o Sr. José Marinho Filho passou a palavra ao prefeito da municipalidade que respondeu a numerosas perguntas que lhe foram feitas pelos trabalhadores. (Do nosso correspondente em Arapongas).

LEIA E DIVULGUE «NOVOS RUMOS»

CONFERÊNCIA SOBRE ROBORÉ

ser submetido o assunto à apreciação do Congresso Nacional. Compareceu numerosa assistência, fazendo-se representar entidades estudantis e operárias. Após a conferência, seguiu-se animada sessão.

A MORTE DO SORVETEIRO MARIA GABRIELA

Nesta nossa mui leal e afortunada cidade, a vida humana anda mais desvalorizada do que o cruzeiro. Afinal de contas, a morte é uma contingência à qual estamos sujeitos e não nos resta mais que conformar-nos quando ela vem na hora e na forma em que deve vir. O que me parece terrível, brutal, inaceitável, é a morte de criaturas ainda na infância ou na mocidade. Criaturas que não chegaram a cumprir seu destino de seres vivos, que tiveram o seu ciclo vital interrompido abruptamente, em condições anormais. E isto, senhores, acontece diária e constantemente em nossa terra, sem que nenhuma providência seja tomada no sentido de preservar o que de mais precioso possui uma nação: seus filhos. Pois a insegurança que nos cerca é tão tremenda que não sabemos já a quem temer nem para quem apelar, quando se consumam os fatos. A cada momento, motoristas insensatos, ou primidos pela necessidade de cumprir exigências patronais de horários, põem-nos a vida em perigo e em sebre-salto. O número de assaltos aumenta a cada dia com o desemprego e a miséria, dos quais é consequência. Já não estamos em segurança nem na rua nem em casa. E como se não bastasse tudo isto, como fator de intranquilidade, paira sobre todos nós, a cada instante, ameaça ainda mais terrível: a de ser vítima de um momento para outro, dos desatinos e irresponsabilidades daqueles aos quais está afeta a guarda e manutenção da ordem. Certos de inteira impu-

nidade, depois da farsa dos «rigorosos inquéritos», os representantes da lei continuam matando tranquilamente. Verdadeiros anormais, aos quais jamais deveria ser permitido o uso de uma arma, tais indivíduos fazem uso de seus revólveres e até metralhadoras nas suas famosas batidas, pouco se importando que seja dia claro, bairro residencial e estejam as ruas cheias de crianças e jovens. Assim foi que tombou sem vida um pobre rapazinho sorveteiro, que em um sábado de tarde — às 15 horas, para ser mais precisa — atendeu à sua alegre e despreocupada freguesia na praia do Leblon. Chamava-se Antônio Medeiros, morava em uma casinha pobre na Av. Batholomeu Mitre. Nada tinha que ver com alguns desocupados que jogavam rãda. Trabalhava e ganhava o seu pão de cada dia. Não sei se tinha família, não sei se tinha mãe, irmã ou noiva. Muitas pessoas teria, sem dúvida, que o amavam e o estão chorando. Mas se as coisas correrem, conforme o «figurino» dessa nossa mui leal cidade, o «rigoroso inquérito» não apurará coisa alguma (se é que não chegará à conclusão de que a bala partiu de algum dos jogadores, segundo as testemunhas, desarmados) e o culpado continuará impune, salvaguardado pelos seus 19 anos de «bons serviços policiais». E nós, mães, teremos nossos corações tranqüilos, quando nossos meninos não estiverem conosco, sob nossa frágil, precária, mas vigilante proteção?

CARTA DO SERTÃO

MANOEL RATTES Ibiracú — ES) — Agradecemos sua carta que, demonstrando vigilância constituiu para nós uma colaboração. Irems aberdar o assunto em próxima edição. \* IGNACIO TAVARES DE SOUZA (DF) — Suas observações sobre as explosões atômicas são justas. Já neste número procuramos corrigir nosso erro, publicando a respeito uma reportagem. \* CINECLUBE DE MARILIA — Encaminhamos ao diretor de cinema os exemplares de "O Curumirim". Gratos. \* JOSE ALVES PEREIRA (Pelotas — RGS) — Só deixamos de publicar correspondências quando contém apenas notícias que já tenham sido divulgadas pela imprensa, perdendo por isso o interesse. Pedimos que continue a nos escrever. As correspondências do interior que normalmente publicamos podem servir de orientação para a escolha dos assuntos, etc. \* CARLOS ALVES FERREIRA (Jacarei — SP) — Agradecemos suas sugestões. Já tomamos algumas medidas para melhorar a página sindical. \* J.L.N. (SP) — No momento, não nos é possível manter correspondentes internacionais. Mas nos utilizamos as agências informativas e nos

ZÉ PRAXEDI — o poeta vaqueiro Pra eu, a muiê Cubana, Nu'a iscola aqui na praia, Mandô qui nós brasileiro, Óiasse pra sua saia. Os outo num intendêro, Batêro parma contente, Eu fiquei discunfiado Pensando dela tê dado U'a taçada na gente. Falô também um sordado, (Bem paricido o rapaz.) Nos dixei qui tinha vindo Pra dizê coma se faz: Qui nós fosse a lamparina Pós Cuba nos deu o gaz. Os capitã das istranja Fóro ispurso do país, Os Batista na cadeia Isperam a voz do juiz, Todos êles vão morré Pru resto do povo vê A sua terra filiz! Cumpade Zé Carnaúba Arreceba meu abraço, E viva o povv de Cuba! Manezin dos Anastaço. Favela do «Canta Galo», Quatoze do mês d'abri, Cumpade Zé Carnaúba: Vai tudo mar pur aqui. Essa sumana atrasada Vêi pru Rio os cabiludo: E' gente assim coma a gente, Num tem nada deferente, Uns maiô, outos miúdo. A fala é mei inbruiada, Porém, munto paricida: Cum a lingua qui nós fala, Gente valente e sabida, Derramamo munto sangui, Pra pudê mudá de vida. A terra dêles, cumpade, E' do tannêe do Amapá, Bahia: na boa terra Tem mais gente do que lê Mas na hora da vingança Brigaro intê as criança Pra morré, ou pra matá, No Tribuná da Justiça, Adispos de ser jurgado, Os grande isporadores Já tão sendo metraiado.



# SEMANA EM FOTOS



**MACHADO DE ASSIS NA URSS** — Mesmo sem ha-  
ver relações di-  
plomáticas entre o nosso país e a União Soviética, os soviéticos se esfor-  
çam por estreitar os laços de amizade entre o seu país e o Brasil. Nas com-  
memorações em homenagem a Machado de Assis, intelectuais soviéticos ren-  
deram preito de honra ao nosso grande romancista. Na foto (agência  
TASS) flagrante de uma sessão realizada em Moscou na Casa da Amizade  
com os Povos Estrangeiros. Foi pronunciada, então, uma palestra sobre a  
importância da obra de Machado e feita uma exposição de livros seus.



**VERDADEIROS TATUI-  
RAS** — Pagam-nos salários miseráveis ale-  
gando que tudo é caro para a cons-  
trução civil, mas muito mais caro são os aparta-  
mentos que vendem — afirmou o operário Artur  
Mattos, referindo-se aos empresários, quando de-  
fendia na assembleia do Sindicato a necessida-  
de do reajustamento salarial para os trabalha-  
dores. Leia reportagem na 5.ª página.



**CHEGA AOS 70 SORRINDO** — O conhecido comico inglês Charles Spencer Chaplin, criador do não menos fa-  
moso personagem que é Carlitos, completa o seu 70.º aniversário mantendo-se jo-  
vial para a sua avançada idade. Vigoroso fisicamente Chaplin ainda hoje trabalha na preparação de um novo filme, em meio ao ca-  
minho de sua esposa Oona e de seus filhos. Na seqüência fotográfica que apresentamos o conhecido ator é visto em Vevey (Fran-  
ça) quando assistia a um espetáculo circense em companhia de suas duas filhas. Os Chaplin apreciam com indisfarçável satisfação  
as peripécias que se desenrolam no picadeiro. Na página 9 desta edição o leitor encontrará o artigo «Chaplin de Ditador a Rei»  
dedicado ao genial circense.

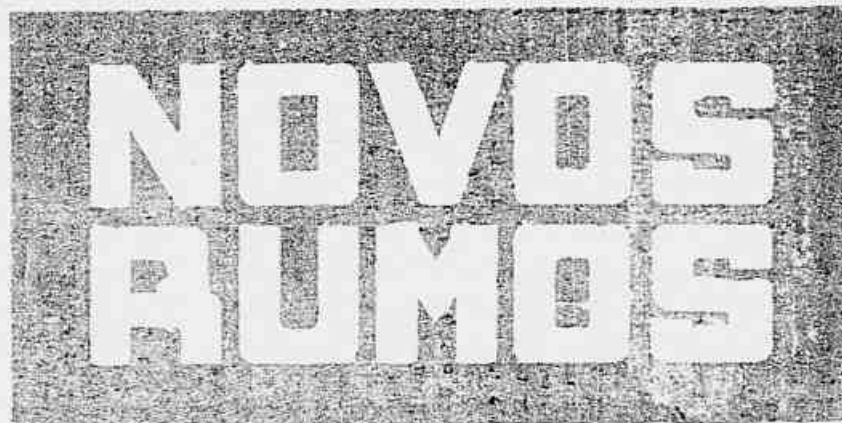


**GUERRA FRIA PARA MATAR ALIADOS**

# BOMBAS IANQUES ENVENENAM O BRASIL

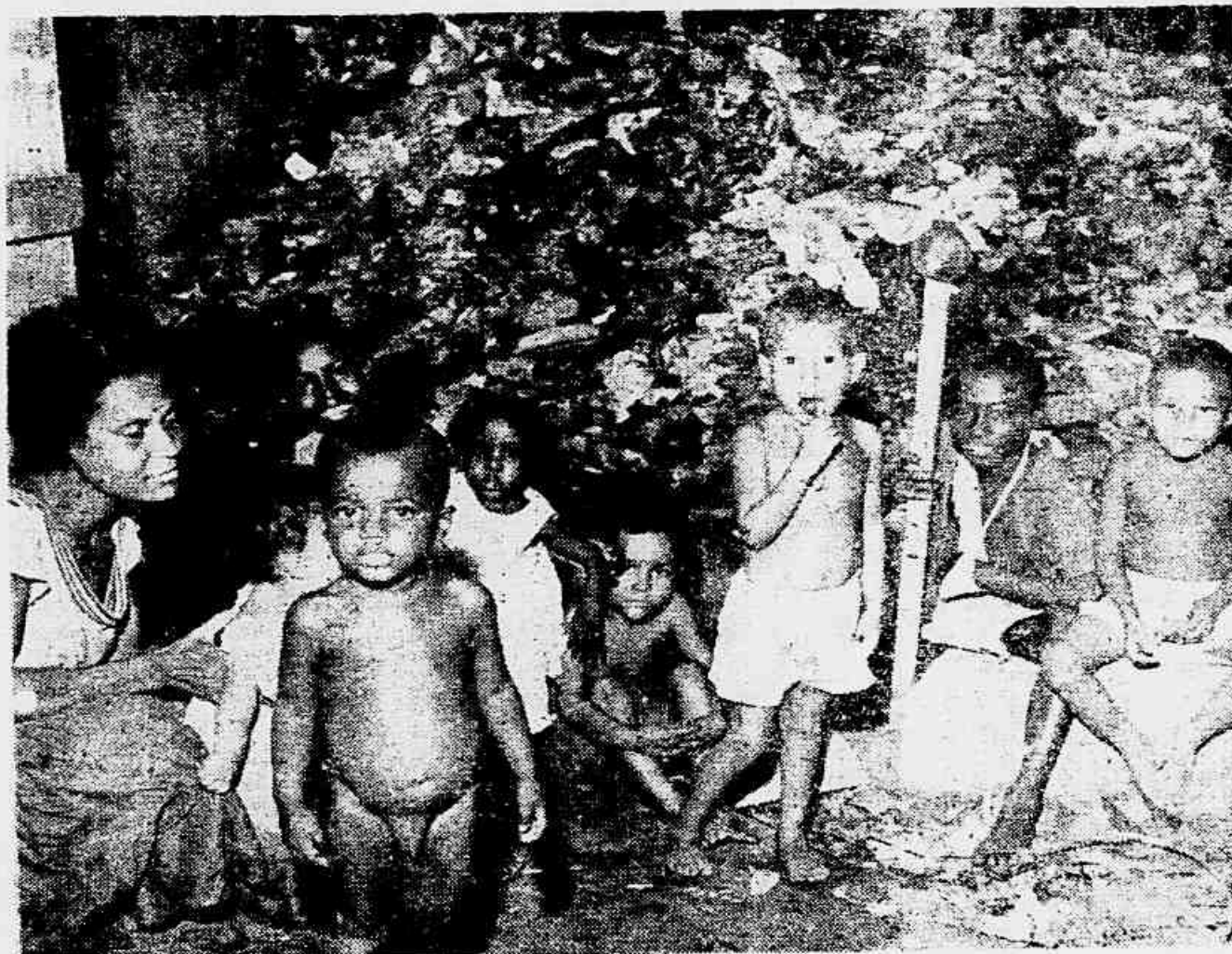
ANO 1 — RIO SEMANA DE 17 A 23 DE ABRIL DE 1959 — Nº 8

Um projeto secreto dos E.E.UU. põe em perigo a vida do nosso povo. O grau de radioatividade da atmosfera aumentou de 400%. Centenas de milhares de crianças poderão nascer mortas ou defeituosas, e a população está ameaçada de câncer nos ossos e no sangue —  
(Reportagem na 1.<sup>a</sup> página)



REDACAO: AVENIDA RIO BRANCO, Nº 247 — SALAS 1711-1712

## Esqueleto x Prefeitura



Milhares de crianças como estas, que moram na Favela do Esqueleto, estão ameaçadas de «despejo» pela Prefeitura que pretende abrir caminho para a Avenida Radial. Reportagem na 11.<sup>a</sup> página

**NESTA  
EDICÃO**

**REVÊS DA  
LIGHT EM  
SAO PAULO**

Texto na 6.<sup>a</sup> página

**9 DIAS DE  
PRESTES NO  
RIO GRANDE  
DO SUL**

Reportagem na  
10.<sup>a</sup> página

**OPOSICAO E  
GOVERNO  
UNIDOS EM  
DEFESA DA  
LIGHT**

Texto na 3.<sup>a</sup> página

